



Bordador e customizador



1



Programa de
QUALIFICAÇÃO
ARCO OCUPACIONAL
PROFISSIONAL
VESTUÁRIO

BORDADOR E CUSTOMIZADOR

1



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Geraldo Alckmin

Governador

**SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

Rodrigo Garcia

Secretário

Nelson Baeta Neves Filho

Secretário-Adjunto

Maria Cristina Lopes Victorino

Chefe de Gabinete

Ernesto Masselani Neto

Coordenador de Ensino Técnico, Tecnológico e Profissionalizante

Concepção do programa e elaboração de conteúdos

Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia

Coordenação do Projeto
Juan Carlos Dans Sanchez

Equipe Técnica
Cibele Rodrigues Silva e João Mota Jr.

Fundação do Desenvolvimento Administrativo – Fundap

Geraldo Biasoto Jr.
Diretor Executivo

Lais Cristina da Costa Manso Nabuco de Araújo
Superintendente de Relações Institucionais e Projetos Especiais

Coordenação Executiva do Projeto
José Lucas Cordeiro

Equipe Técnica
Ana Paula Alves de Lavos, Emily Hozokawa Dias e
Laís Schalch

Textos de Referência
Selma Venco, Maria Helena de Castro Lima, Clélia La Laina,
Paula Marcia Ciacco da Silva Dias e Vagner Carvalheiro

Gestão do processo de produção editorial

Fundação Carlos Alberto Vanzolini

Antonio Rafael Namur Muscat
Presidente da Diretoria Executiva

Hugo Tsugunobu Yoshida Yoshizaki
Vice-presidente da Diretoria Executiva

Gestão de Tecnologias aplicadas à Educação

Direção da Área
Guilherme Ary Plonski

Coordenação Executiva do Projeto
Angela Sprenger e Beatriz Scavazza

Gestão do Portal
Luiz Carlos Gonçalves, Sonia Akimoto e
Wilder Rogério de Oliveira

Gestão de Comunicação
Ane do Valle

Gestão Editorial
Denise Blanes

Equipe de Produção
Assessoria pedagógica: Ghisleine Trigo Silveira

Editorial: Adriana Ayami Takimoto, Airtton Dantas de Araújo,
Beatriz Chaves, Camila De Pieri Fernandes, Carla Fernanda
Nascimento, Célia Maria Cassis, Cláudia Letícia Vendrame
Santos, Gisele Gonçalves, Hugo Otávio Cruz Reis, Lívia
Andersen França, Lucas Puntel Carrasco, Mainã Greeb Vicente,
Patrícia Maciel Bomfim, Patrícia Pinheiro de Sant'Ana, Paulo
Mendes e Tatiana Pavanelli Valsi

Direitos autorais e iconografia: Aparecido Francisco,
Beatriz Blay, Olívia Vieira da Silva Villa de Lima,
Priscila Garofalo, Rita De Luca e Roberto Polacov

Apoio à produção: Luiz Roberto Vital Pinto,
Maria Regina Xavier de Brito, Valéria Aranha e
Vanessa Leite Rios

Diagramação e arte: Jairo Souza Design Gráfico

CTP, Impressão e Acabamento
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Agradecemos aos seguintes profissionais e instituições que colaboraram na produção deste material:
Denise Pollini, Gabryelle T. Feresin, José Luis Hernández Alonso, Letícia Diniz Gonçalves, Luís André do
Prado, Maria Isabel Branco Ribeiro e SENAC São Paulo

CARO(A) TRABALHADOR(A)

Estamos bastante felizes com a sua participação em um dos nossos cursos do Programa **Via Rápida Emprego**. Sabemos o quanto é importante a capacitação profissional para quem busca uma oportunidade de trabalho ou pretende abrir o seu próprio negócio.

Hoje, a falta de qualificação é uma das maiores dificuldades enfrentadas pelo desempregado.

Até os que estão trabalhando precisam de capacitação para se manter atualizados ou quem sabe exercer novas profissões com salários mais atraentes.

Foi pensando em você que o Governo do Estado criou o **Via Rápida Emprego**.

O Programa é coordenado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia, em parceria com instituições conceituadas na área da educação profissional.

Os nossos cursos contam com um material didático especialmente criado para facilitar o aprendizado de maneira rápida e eficiente. Com a ajuda de educadores experientes, pretendemos formar bons profissionais para o mercado de trabalho e excelentes cidadãos para a sociedade.

Temos certeza de que iremos lhe proporcionar muito mais que uma formação profissional de qualidade. O curso, sem dúvida, será o seu passaporte para a realização de sonhos ainda maiores.

Boa sorte e um ótimo curso!

*Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico,
Ciência e Tecnologia*

CARO(A) TRABALHADOR(A)

Hoje, com o Programa **Via Rápida Emprego**, você iniciará sua trajetória rumo a novos conhecimentos sobre a área de vestuário.

Como você deve saber, dominar técnicas específicas de uma ocupação é muito importante para ingressar no mundo do trabalho, mas, nos dias atuais, isso não é suficiente. Existem vários detalhes que vão além do conhecimento prático da ocupação e que são igualmente importantes para seu futuro profissional. São esses aspectos, portanto, que este curso lhe proporcionará.

A Unidade 1 deste Caderno trata da história do bordado, do vestuário e da moda. Contempla ainda a transformação do vestuário desde a Pré-história, porém numa abordagem leve e entremeada de ilustrações e curiosidades. Em alguns momentos, os estilos são comparados a modelos atuais, pois, como você já deve ter ouvido falar, a moda é cíclica – os estilos renascem de tempos em tempos, guardando semelhanças entre si, embora apresentem sempre algo novo, uma marca de sua época.

Na Unidade 2, que aborda a moda no século XX (20), continuam a ser apresentados os estilos que marcaram as diversas décadas.

Após ter conhecido a história da moda e seus vários estilos no século XX (20), a Unidade 3 traça um panorama do mercado de trabalho no ramo da moda e do bordado, analisando tanto os serviços autônomos possíveis nessa área como ocupações existentes nas indústrias para os profissionais da moda. Descreve, ainda, cada uma das funções exercidas por esses profissionais, abordando também aspectos da legislação trabalhista, para depois se concentrar especificamente nas atividades profissionais do bordador e customizador.

A última unidade deste Caderno, a Unidade 4, discute temas referentes à saúde e segurança no trabalho, uma vez que isso é imprescindível para a preservação da qualidade de vida no exercício de qualquer ocupação.

Seu curso terá continuidade no Caderno 2, que tratará de assuntos mais específicos a cada uma das especializações de bordador e customizador. Esperamos que você esteja animado para começar a trilhar esse caminho.

Bom curso!

SUMÁRIO

Unidade 1

9

HISTÓRIA DO BORDADO, DO VESTUÁRIO E DA MODA

Unidade 2

41

A MODA NO SÉCULO XX (20)

Unidade 3

75

MERCADO DE TRABALHO

Unidade 4

95

SAÚDE E TRABALHO

São Paulo (Estado). Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia. Via Rápida Emprego: vestuário: bordador e customizador, v.1. São Paulo: SDECT, 2013. il. -- (Série Arco Ocupacional Vestuário)

ISBN: 978-85-65278-68-3 (Impresso)
978-85-65278-76-8 (Digital)

1. Ensino profissionalizante 2. Vestuário - Qualificação técnica 3. Bordador e Customizador – Decoração e ornamento I. Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia II. Título III. Série.

CDD: 371.425
746.44

UNIDADE 1

HISTÓRIA DO BORDADO, DO VESTUÁRIO E DA MODA



© RMN-Grand Palais/Agence Bulloz/Other Images

Peças do vestuário feminino no século XIX (19). Ilustração do barão François-Joseph Bosio para a revista *Le bon genre: le volant*. Museu Carnavalet, Paris, França.



© ClassicStock/Corbis/Latinphoto

Vestuário nos anos 1950.



© Mark Hunt/Huntstock/Corbis/Latinphoto

Vestuário nos anos 2000.



Adjetivo: Palavra que dá uma qualidade ao substantivo. Por exemplo: vestido *bonito*; tecido *macio*; cor *berrante*.

Moda é uma palavra comum em nossa vida, pois se relaciona a vários assuntos.

Alguns de vocês se lembram da gíria *bokomoko*? É possível que quem tenha vivido nos anos 1970 reconheça esse termo, que foi bastante usado naquele período e era um **adjetivo** para os que estavam “fora de moda” sob diversos aspectos.

O que é moda para você?



Leia alguns significados que constam no dicionário para a palavra “moda”:

1. Maneira, estilo de viver, vestir, comportar-se, escrever etc. predominante numa determinada época ou lugar (gíria fora de moda); voga.
2. Restr. Arte e técnica do vestuário (moda feminina).
3. A indústria e/ou o comércio dessa arte: *Gostaria de trabalhar com moda*.
4. Modo, maneira: *Preparou a massa à moda italiana*.
5. Gosto, maneira ou modo distinto e peculiar, ger. habitual, de cada um: *Trabalha à sua moda*.
6. Uso ou prática corrente, generalizada; fixação; mania: *Usar telefone celular virou moda*.

[...]

© iDicionário Aulete. <www.aulete.com.br>

Essas definições ampliaram seu conhecimento sobre o que é moda? Com base nelas, diga qual é a diferença entre moda e vestuário?

Moda e vestuário

Um dos destaques que podemos dar às definições do dicionário é a diferenciação entre moda e vestuário.

Pare e reflita: Já aconteceu de você ou alguém que conhece abrir uma gaveta e pensar “essa roupa está antiquada”, “está fora de moda”?

Isso é moda. Ou seja, as novas tendências que vão alterando o estilo do vestuário com o passar do tempo.

O vestuário é o coração, o objetivo do curso de qualificação profissional que você está iniciando agora. Mas, para desempenhar melhor a ocupação na qual está se formando, é essencial conhecer mais sobre moda.

História do bordado

Bordar, segundo o dicionário, significa:

1. Fazer bordado (em); ornar com desenhos em relevo usando agulha (ou máquina apropriada) e fio de lã, seda, ouro etc. [td.: *Bordou os punhos da blusa*] [int.: *Nunca aprendera a bordar*]
2. Desenhar (algo) utilizando agulha apropriada. [tda.: *Bordou uma estrela azul na mochila do filho*]
3. Fig. Enfeitar, ornamentar a borda de; guarnecer. [td.: *Muitas e copadas árvores bordam a estrada: Uma linda sanca bordava o teto da sala.*]
4. Fig. Construir na imaginação (ideia, história, conclusão etc.); tecer [td.: *O professor bordou algumas observações à margem da sua dissertação: Não era capaz de bordar toda essa trama.*]

© iDicionário Aulete. <www.aulete.com.br>

Bordar é uma arte. É preciso dedicação, concentração, senso estético e paciência para fazer um trabalho minucioso e repleto de detalhes como o bordado.

A letra da música poética de Gilberto Gil “A linha e o linho” descreve o movimento da vida e do amor comparado ao movimento do bordado, que une tecido e linha, possibilitando a transformação daquilo que se imagina em arte concreta.

A linha e o linho

Gilberto Gil

É a sua vida que eu quero bordar na minha
Como se eu fosse o pano e você fosse a linha
E a agulha do real nas mãos da fantasia
Fosse bordando, ponto a ponto, nosso dia a dia
E fosse aparecendo aos poucos nosso amor
Os nossos sentimentos loucos, nosso amor
O zigue-zague do tormento, as cores da alegria
A curva generosa da compreensão
Formando a pétala da rosa da paixão
A sua vida, o meu caminho, nosso amor
Você a linha, e eu o linho, nosso amor
Nossa colcha de cama, nossa toalha de mesa
Reproduzidos no bordado a casa, a estrada, a correnteza
O sol, a ave, a árvore, o ninho da beleza

© Gege Edições Musicais (Brasil e América do Sul) / Preta Music (resto do mundo)

Veja agora as palavras do compositor sobre a inspiração para escrever a letra dessa música e a repercussão da canção para um grupo de bordadeiras:

[...] Flora tinha acabado de adormecer; ainda a acariciei um pouco e já estava entrando num estado de torpor quase sonho, quando me chegaram as primeiras frases. Havia a maciez da pele dela, a do tecido do lençol e os bordados na colcha – todos os elementos; minha sensação era de leveza, paixão e afeto. Aquelas palavras ficaram como que boiando num éter, e eu já tinha me deitado, mas resolvi me levantar e completar a letra toda. No final ainda me lembrei da minha mãe e da minha avó bordando nos panos os motivos que eu cito. Dias depois fiz a música.

Recentemente, eu recebi de uma família de bordadeiras, mãe e filhas, de Três Marias, interior de Minas, um lenço bordado junto com uma carta de agradecimento pela canção. No lenço, a inscrição “A linha e o linho”. Para mim foi instigante o fato de, nesses dois substantivos, apenas o o e o a finais os diferenciarem, determinando também a diferença dos sexos. E propiciando que um momento tocante, especial, se transformasse em poesia, como num lance de ilusionismo, prestidigitação.

Gilberto Gil. Disponível em: <http://www.gilbertogil.com.br/sec_disco_info.php?id=505&letra>. Acesso em: 28 out. 2012.

© Gege Edições Musicais (Brasil e América do Sul) / Preta Music (resto do mundo)

Há registros do aparecimento do bordado desde épocas remotas – no Antigo Egito, época dos faraós –, embora poucas provas tenham resistido ao tempo. Existem sinais dessa arte também na Pérsia, na Síria, na Babilônia, e na Grécia e Roma antigas. Uma das descobertas remonta a um fóssil encontrado na Rússia, de cerca de 30 000 a.C. (antes de Cristo), que possuía a vestimenta adornada com grânulos de marfim.

Acredita-se, portanto, que o bordado já existia nessa época, pois a agulha de marfim mais antiga data de 37 000 a 27 000 a.C. (antes de Cristo). Como linha, usavam fibras de vegetais, crinas de cavalo e tripas de animais.

No começo da Era do Bronze, na Dinamarca, surgiu uma das primeiras técnicas para fazer barra em cobertores; outra técnica, chamada de bordado altaico, surgiu em cerca de 400 a.C. (antes de Cristo), na Sibéria. Mas é a partir da Idade Média, (476 d.C. [depois de Cristo] até 1453), que a história do ponto-cruz evoluiu, principalmente porque as roupas dos sacerdotes passaram a contar com diversos adornos. A tapeçaria, como obra de arte, também impulsionou o mundo do bordado, visto que a confecção de painéis de tecidos assumiu grande importância como elemento decorativo e funcional.

Fonte: BARBOSA, Maria Ignez. *O bordado: luxo de priscas eras*. Maria Ignez Barbosa, nov. 2009. Disponível em: <<http://www.mariaignezbarbosa.com/asp/listagemDet.asp?idsecao=1&idveiculo=13&p=1>>. Acesso em: 11 dez. 2012.

Um dos bordados mais famosos da história é a **Tapeçaria de Bayeux**, do século XI (11), que se tornou um documento histórico, pois retrata cenas do cotidiano dos nobres e uma importante batalha, até hoje estudada com base nesse trabalho artístico.



Cena da construção de um acampamento militar fortificado, em Hastings. Museu da Tapeçaria de Bayeux, França.



Detalhe da Tapeçaria de Bayeux mostrando o rei anglo-saxão Eduardo, o Confessor, em seu trono.



Você sabia?

A prática de descrever eventos ou contar histórias por meio de bordados em tapeçaria é tão antiga que se encontra em histórias da mitologia, por exemplo, a mitologia grega. Para saber mais sobre a arte de grandes tapeceiros da história, pesquise a vida de Jean Lurçat (1892-1966).

A **Tapeçaria de Bayeux**, sobre cuja elaboração não se dispõe de informações exatas, foi produzida entre 1070 e 1080, e narra a conquista da Inglaterra pelos normandos (oriundos da região da Normandia, atual França), no ano de 1066, em 58 cenas, bordadas em linho em 69 metros de comprimento e cerca de 50 centímetros de largura. Caso queira ver cenas dessa interessante tapeçaria, acesse o *site* indicado a seguir.

Fonte: STEIN, Débora Rosa; COSTA, Ricardo da. Tapeçaria de Bayeux. In: COSTA, Ricardo da. *Idade Média*. Disponível em: <<http://ricardocosta.com/tapeçaria-de-bayeux-c-1070-1080>>. Acesso em: 11 dez. 2012.

O Renascimento, que começou no final do século XIV (14) e se estendeu até parte do século XVI (16), marcou, na Europa, o início da Idade Moderna (1453 até 1789), trazendo profundas mudanças na sociedade, tanto na cultura quanto nos hábitos dos indivíduos.

A sociedade na Idade Média era estruturada em camadas sociais definidas pela condição de nascimento, impossibilitando totalmente a ascensão social – quem nascesse nobre, permaneceria nobre durante toda a vida, o mesmo acontecia com os camponeses. A nobreza era formada por reis, rainhas, príncipes, princesas, cavaleiros, no entanto o poder político era dividido entre eles e o clero (papa, cardeais, arcebispos, bispos).

No contexto das mudanças políticas e sociais que aconteceram no período, um novo segmento social ganhou espaço: o dos comerciantes que habitavam as cidades, que voltaram a se desenvolver.

Expansão das cidades e atividades de comércio, países conquistando novas terras e ampliando seu poder na Europa. Todas essas mudanças no modo de vida das pessoas resultaram em grandes alterações também no vestuário – nesse período usavam-se tecidos com cores, brilhos, texturas e caimentos diversos, bem como vestidos com modelos de golas, punhos, mangas, cintura, bolsos e barrados diferenciados.

O bordado também se modificou, passando a fazer parte da educação das mulheres. A Igreja demandava grandes trabalhos de bordados, pois as vestes dos sacerdotes passaram a ser cada vez mais ornamentadas

em ouro, prata, pérolas e pedras preciosas. Mas foi apenas em 1500 que o bordado passou a contar com esquemas de desenhos, realizados nos tecidos para auxiliar o trabalho das bordadeiras.

Ainda na época do Renascimento, o bordado foi utilizado para a confecção de imagens que se assemelhavam a pinturas.

Com a evolução dessa arte, o bordado ganhou o nome de *pintura feita por agulhas*, gerando emprego nas cortes: havia o bordador do rei e a bordadeira da rainha, empregados exclusivamente dedicados a compor as vestimentas da realeza.

Assim como a história do mundo influenciou outras atividades, com o bordado não é diferente. A conquista de novos territórios pelo mundo permitiu a circulação de especiarias (cravo, canela etc.) e, igualmente, de novos pigmentos que incrementaram as cores de lãs e linhas usadas no bordado.

Estilo Renascentista



George Gower (atribuído a). *Rainha Elizabeth I*, c. 1588. Óleo sobre painel, 97,8 cm x 72,4 cm. Galeria Nacional do Retrato, Londres, Inglaterra.



Modelo apresenta criação do estilista britânico John Galiano durante a Semana de Moda de Paris. Coleção outono-inverno de 2006-2007.

Atividade 1

A MODA NO RENASCIMENTO



1. Leia a reportagem a seguir, publicada em 30 de julho de 2003.

De volta ao passado

Pesquisadores recriam, do tecido aos bordados, roupas dos nobres da Itália renascentista.

Bel Moherdaui



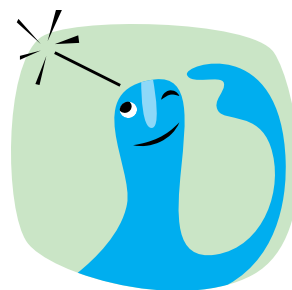
Giovanni Bauhet. *Vincenzo Gonzaga, IV duque de Mântua*, 1587. Coleção particular, Mântua, Itália.



Reconstituição de traje de Vincenzo Gonzaga, duque de Mântua.

Fios de ouro, pérolas e pedras preciosas. Pronta-entrega, nem sonhando. Só modelos exclusivos, feitos sob encomenda, um trabalho que podia demorar anos. Assim eram as roupas de cerimônia dos nobres do Renascimento na Itália: poucas, mas fabulosamente requintadas. Embora um número reduzidíssimo de peças tenha sobrevivido ao tempo, um perseverante grupo de pesquisadores italianos, armados de documentos, pedaços de tecidos e pinturas da época, enfrentou o desafio de reconstituir os suntuosos trajes do período. “Escolhemos os mais famosos retratos de personagens italianos com trajes que tivessem uma história particular, que fossem capazes de mostrar aspectos interessantes da vida da corte. Dessa forma, explicamos a história de um novo jeito”, conta Fausto Fornasari, diretor do King Studio, que desenvolve o estudo. Em catorze anos de trabalho, já foram reconstituídos cerca de 100 trajes. [...] Entre eles está o fabuloso traje de Vincenzo Gonzaga na cerimônia em que assumiu o título de duque de Mântua. O manto original de arminho na reprodução é de pele de coelho. A pequena peça acoplada à cintura parece mas não é uma bainha de punhal: simboliza o falo ducal. Aparecem também as vestimentas usadas em seu casamento com Eleonora de Médici e ainda o vestido de noiva da filha do casal, Eleonora Gonzaga, quando se uniu a Ferdinando II, imperador do Sacro Império Romano do Ocidente, em 1622.

Entre pesquisa histórica, desenvolvimento de materiais, testes com teares e a trabalhosa aplicação de joias e bordados, cada roupa demora de quatro a cinco anos para ficar pronta. São feitas até trinta provas de tecidos por traje, para chegar ao material mais parecido possível com o original. Um dos mais trabalhosos, o vestido da duquesa Eleonora de



Levando em conta que a fotografia foi inventada apenas em 1826, como podemos saber o que as pessoas usavam antes disso? Para obter essas informações, pesquisadores recorrem a textos, pinturas, esculturas e gravuras.



Agnolo Bronzino. *Retrato de Eleonora de Toledo*, 1545. Óleo sobre madeira, 115 cm x 96 cm. Galeria degli Uffizi, Florença, Itália.



Para reconstituir os detalhes da roupa de Eleonora de Toledo, foram necessários seis anos de trabalho.

Toledo, demorou seis anos para ficar pronto: dois na pesquisa, dois no desenvolvimento do tecido e mais dois no bordado (só uma, das dez bordadeiras convocadas, levou o desafio adiante). Outro destaque é a roupa da marquesa de Mântua, Isabella d'Este Gonzaga. Importante figura política e patrocinadora das artes, ela própria era uma lançadora de tendências, sempre criando seus trajes e perucas. O vestido em exposição compõe-se de duas peças sobrepostas: a de baixo, de tecido dourado com desenhos róseos, serve para destacar a suntuosa parte de cima, em veludo preto recortado e bordado em ouro.

Na exposição, a maioria dos trajes está acompanhada de uma reprodução da pintura em que eles aparecem. O retrato de Eleonora de Toledo foi feito pelo mestre Bronzino. Junto com o vestido, com original e intrincada padronagem em medalhões, vem ainda uma boneca de porcelana vestida com uma miniatura da roupa. “Essas bonecas viajavam de corte em corte e funcionavam como uma espécie de revista de moda do Renascimento. Era com elas que uma princesa da França, por exemplo, tomava conhecimento do que se usava na corte italiana”, conta Fornasari. Há ainda a reprodução de uma cena de banquete e dois trajes que são a interpretação de vários quadros. Um deles, em tecido vermelho,

traz 3 000 pérolas e 200 pedras preciosas bordadas – imitações, na reconstituição. “Os trajes eram vistos como um investimento. Quando aparecia em cerimônia pública, o nobre fazia questão de mostrar com a roupa o tamanho de sua riqueza”, diz Fornasari. O conforto certamente não era uma prioridade. A quantidade de tecidos, bordados, pedrarias, peles e golas criava roupas sufo-cantes e pesadas. Mas em qualquer época em que fossem vistas, hoje ou quinhentos anos atrás, não deixavam dúvidas: eram rou-pas dignas de reis.



Bartolomé González. *Margarida da Áustria, rainha da Espanha, e sua filha Anna*, 1605. Pintura a óleo, 192 cm x 120 cm. Museu Kunsthistorisches, Viena, Áustria.



Reconstituição do traje de Margarida da Áustria.

MOHERDAUI, Bel. De volta ao passado. *Veja*, ed. 1813. 30 jul. 2003. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/300703/p_090.html>. Acesso em: 4 dez. 2012.

2. Com base no texto, responda:

a) O bordado era destacado no vestuário? Por quê?

b) Como eram fabricadas as roupas no Renascimento?

c) Como eram as “revistas de moda” da época?

d) Por que as roupas desse período eram consideradas um investimento (termo que deriva de vestimenta)?

Atividade 2

O QUE É MODA?

Tendo em vista que este curso apresenta o bordado aplicado à moda, precisamos discutir sobre sua compreensão a respeito dela.

1. Na sua opinião, o que é moda? Escreva, resumidamente, nas linhas a seguir, cinco coisas que lhe venham à mente quando você ouve a palavra moda:

a) _____

b) _____

c) _____

d) _____

e) _____

2. Troque o que escreveu com um colega. O que há de semelhante e de diferente entre sua resposta e a dele? Anote o que encontrou de comum entre elas.

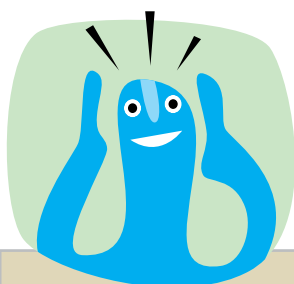
3. Em dupla, escrevam um parágrafo completando:

Moda é...

4. As definições de moda dadas pelo dicionário anteriormente se aproximam das que vocês elaboraram? Reescrevam a definição da dupla com base na leitura. Como o texto que fizeram pode ser aperfeiçoado?

A moda na história ou a história da moda?

A produção de roupas sofreu alterações e acompanhou o movimento da sociedade. De acordo com a autora Joan DeJean (2011), em *A essência do estilo*, a indústria da moda teve data e local de nascimento bem delimitados: surgiu na França, em Paris, nos anos 1670. Porém, as vestimentas eram caras, e apenas a nobreza tinha acesso à confecção sob medida feita por alfaiates e modistas. O luxo e o valor das roupas



Você sabia?

De acordo com a autora Joan DeJean (2011), na época em que a moda começou a surgir, as mulheres eram autorizadas a fazer apenas ajustes nas roupas. Foi preciso muita luta para que obtivessem o direito de desenhá-las e costurá-las, condição, até 1675, reservada aos homens. As costureiras eram conhecidas em Paris como “mãozinhas”, pois confeccionavam “vestidos de sonhos”. As mulheres rapidamente criaram uma nova forma de inserção no mercado e passaram a comercializar acessórios, ficando conhecidas como mercadoras da moda. Também enfeitavam roupas com fitas e outros detalhes decorativos, numa técnica que hoje denominamos customização.

eram tão elevados que as vestimentas chegavam a ser deixadas de herança – embora grande parte da população contasse apenas com a roupa que vestia, feita de forma artesanal, cumprindo tão somente a função de cobrir e proteger o corpo das alterações climáticas.

O vestuário passou a ser uma verdadeira disputa entre os nobres, que se questionavam sobre quem se apresentaria com os mais inovadores tecidos, modelos, ornamentos e, sobretudo, bordados – um diferencial que mostrava superioridade, especialmente econômica.

Não foram apenas as ocupações de alfaiate, costureiro e comerciante que cresceram com o desenvolvimento da moda. A produção de tecidos, as ocupações de bordador, modelista, desenhista, a criação de figurinos e mesmo o jornalismo ganharam espaço com o desenvolvimento dessa indústria.

Barroco

No período do movimento artístico conhecido como Barroco, que teve seu auge entre 1650 e 1750, o estilo do vestuário feminino sofreu alterações significativas, caracterizando-se pelo uso de formas largas, principalmente nas saias, que se tornaram muito amplas. O destaque para a moda desse período é a ornamentação das roupas, bordadas com pérolas e pedras preciosas. As rendas tornaram-se um elemento de diferenciação social: renda no vestuário significava riqueza pessoal.

A partir de cerca de 1720 as saias passaram a ser armadas por uma estrutura que se assemelhava a um cesto de pães de ponta-cabeça, chamada por isso de *panier* (“cesto”, em francês; fala-se “paniê”), também conhecida como “anquinha”. Algumas continham uma abertura frontal, em forma de V invertido, deixando entrever o saiote, ricamente ornamentado também. O decote do vestido, em geral quadrado, era ricamente bordado e com rendas.



Jean Antoine Watteau. *A garota caprichosa*, 1718. Óleo sobre tela, 42 cm x 34 cm. Museu Hermitage, São Petersburgo, Rússia.

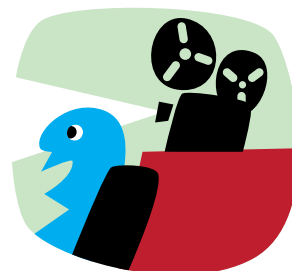


Desfile da grife Lacroix. Coleção primavera-verão de 1996.

Rococó

O movimento artístico que sucedeu o Barroco ficou conhecido como Rococó e vigorou de aproximadamente 1730 a 1790. Ambos seguiam uma lógica semelhante, porém o Rococó configurou uma continuidade estética com detalhes mais graciosos, festivos e frívolos nas roupas femininas do que o Barroco. Babados, laços, rendas, flores, plantas e conchas artificiais de tecido, volumes e exageros nas formas e na ornamentação caracterizaram todos os vestidos dessa época, que ganharam também cores mais claras, os chamados tons pastel.

O Rococó originou-se na França, durante o reinado de Luís XV (15), e o termo é derivado de *rocaille* (“concha”, em francês). Caracterizou-se ainda por utilizar excesso de curvas na forma da letra C, com detalhes delicados, simulando leveza, refinamento e valorização da natureza.



Em *Maria Antonieta* (*Marie Antoinette*, direção de Sofia Coppola, 2006), você pode observar as roupas do século XVIII (18) desenhadas pela figurinista Milena Canonero. O filme ganhou o Oscar de Melhor Figurino em 2007.

Espartilho ou *corset* (fala-se "corsê", em português **corpete**) é uma peça surgida no século XIV (14) com barbatanas de metal e amarrada nas costas, usada pelas mulheres para manter o tronco ereto e afinar a cintura, tornando-as mais elegantes. O corselete é uma espécie de espartilho, usado por cima da roupa.



© Victoria & Albert Museum, London



© Victoria & Albert Museum, London

Espartilho de seda azul reforçado com osso de baleia, frente e costas, 1864.

Os vestidos do Rococó geralmente apresentavam a seguinte composição:

- na parte superior, eram formados por um **corpete**, no qual se pregavam as mangas, assemelhando-se muitas vezes a um casaquinho. Comumente era bordado com flores, fitas, rendas e pedras preciosas;
- a parte inferior contava basicamente com duas peças presas ao corpete: saia e sobressaia. A saia, com formato mais reto na frente, apresentava muito volume para os lados (ampliado com o uso de anquinhas ou *paniers*) e continha bordados de flores, fitas, laços, pedras preciosas e rendas na horizontal. A sobressaia era cortada de modo que, quando presa ao corpete, ficasse aberta, no formato de um V invertido, permitindo, assim, visualizar parte da saia. A sobressaia continha também bordados de flores, fitas, laços, pedras preciosas e rendas dispostos na diagonal.

Muitos tecidos eram produzidos em seda.

Estilo Rococó

© Gérard Biot/RON-Grand Palais (Château de Versailles)/Other Images



Jean-Baptiste-André Gautier Agoty. *Maria Antonieta, rainha da França*, 1775. Óleo sobre tela, 160 cm x 128 cm. Palácio de Versalhes, Versalhes, França.

© Graylock.com / Retna Ltd / Corbis/Latinstock



Desfile na celebração do 60º aniversário da grife Dior, 2007.

Neoclássico

A moda neoclássica, uma revisita aos modelos da antiguidade clássica greco-romana – cujo início conviveu com o Rococó –, surgiu no final do século XVIII (18) e permaneceu durante boa parte do século XIX (19). Ela contou com diversos estilos.

- **Estilo Diretório (1795-1799):** período que se caracterizou como um momento de transição – do estilo Luís XVI (16) (rei que foi deposto, acontecimento que marcou o fim da monarquia) à influência do império e da regência de Napoleão Bonaparte, após a eclosão da Revolução Francesa, cuja data marcante é 14 de julho de 1789 (dia da Queda da Bastilha). A revolução, que substituiu a monarquia por uma república democrática, a fim de eliminar os privilégios da nobreza e do clero, provocou profundas mudanças no país, e influenciou toda a Europa com os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

A influência atingiu também a moda. Saias amplas, cinturas marcadas e o uso de *corsets* e *paniers* foram abandonados; tecidos mais pesados também foram abolidos, sendo substituídos pela leveza da musselina e do algodão em roupas que valorizavam as formas naturais do corpo, principalmente com o deslocamento da “linha da cintura” para a área logo abaixo do busto.

Estilo Diretório	
 © The Metropolitan Museum of Art, Foto: Art Resource, NY	 © Andreea Angelescu/Corbis/LatinStock
Vestido do século XVIII (18) elaborado em seda e algodão.	Desfile de Peter Som. Coleção primavera-verão de 2007.



No laboratório de informática, conheça mais o **Estilo Império** acessando o site do Musée National du Château de Malmaison. Disponível em: <<http://www.chateau-malmaison.fr>>. Acesso em: 25 out. 2012.

- **Estilo Império (1804-1815):** o período marca a ascensão e a queda do Império de Napoleão Bonaparte, caracterizado pelas obras monumentais que o imperador construiu e por um estilo pessoal que primava pelos adornos no vestuário e pela riqueza de detalhes. Sua esposa, Josefina, que já era um “ícone” do estilo Diretório, criou aqui também modelos inovadores de vestidos.

Uma das moradias do casal foi transformada no Musée National du Château de Malmaison (Museu Nacional da Casa de Malmaison) que pode ser visitado virtualmente. Os trajes utilizados pela imperatriz estão lá expostos.

Observe nas fotos a seguir como a linha da cintura ainda se mantém abaixo do busto. As roupas exibem simplicidade e livre caimento, lembrando os trajes usados pelas mulheres no período greco-romano (toga e *chiton*). Geralmente, os vestidos continham caudas ou barras mais compridas nas costas e bordados em bainhas, decotes e mangas. As mulheres jovens usavam cores mais suaves, e as mais maduras, cores mais fortes.

Estilo Império



François Joseph Kinson (atribuído). *Elisa*. Óleo sobre tela, 217 cm x 142 cm. Palácio de Fontainebleau, Fontainebleau, França.



Desfile da grife Temperley. Coleção primavera-verão 2007.

- **Estilo Regência ou Georgiano (1811-1830):** o nome “georgiano” faz referência aos reis da Inglaterra George III (terceiro), o pai, e George IV (quarto), o filho. A moda caracterizou-se pela volta gradativa de espartilhos e corpetes. As saias assumiram forma de cone ou de sino, tornando-se mais pesadas devido a tecidos encorpados, babados e adornos próximos da barra. As mulheres passaram a utilizar anáguas formadas por várias camadas de tecido.

Estilo Regência ou Georgiano	
 © The Metropolitan Museum of Art Foto: Art Resource, NY Vestido de seda para uso noturno, 1887.	 © Imaginethina/Corbis/Latinstock Modelo desfila criação da estilista britânica Vivienne Westwood durante a Semana de Moda de Hong Kong, 2010.

- **Estilo Vitoriano (1830-1860):** esse estilo marcou a ascensão da jovem rainha Vitória ao trono inglês. Na moda, os vestidos ganharam uma armação pesada: a crinolina.

Saias grandes, estufadas e bufantes eram sustentadas por essa armação, e as mangas seguiam o mesmo estilo, contando com babados e laçarotes.

A parte superior do vestido vitoriano era constituída por corpete, gola, mangas ajustadas ao corpo e punhos. A parte inferior, estruturada pela crinolina, era feita de várias camadas de diferentes tecidos e tons, adornados com rendas, babados, laços e, em geral, pérolas.

As cores usadas eram claras para as mulheres solteiras e escuras para as casadas. Após o casamento da rainha, as cores e as estampas das roupas tornaram-se mais sóbrias e escuras.

Crinolinas eram armações feitas, a princípio, de crina de cavalo entrelaçada (daí a origem de seu nome). Posteriormente, passaram a ser produzidas com aço, varetas de bambu ou barbatanas, que, presas na cintura, conferiam ainda mais volume às saias.



Anônimo. *O império da crinolina*. Litografia colorida, 46 cm x 36,4 cm. Museu das Civilizações da Europa e do Mediterrâneo (MuCEM), Paris, França.

Estilo Vitoriano



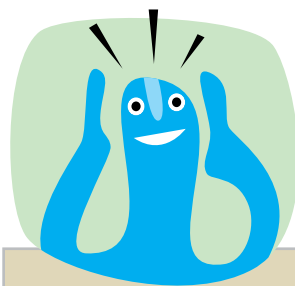
Claude Monet. *Mulheres no jardim*, 1867. Óleo sobre tela, 25,5 cm x 20,5 cm. Museu d'Orsay, Paris, França.



Vestido de alta-costura da grife Dior, 2010.

- **Estilo Eduardiano (1890-1911) ou *Belle Époque*, que estava em seu auge nessa época:** sucedeu o estilo Vitoriano e trouxe mais mudanças ao mundo da moda, que foi então marcado pelo luxo das roupas, por imensos e detalhados chapéus femininos, plumas e bordados.

Os vestidos desse período valorizavam ainda mais a cintura fina e os quadris volumosos. Resgatou-se o uso de tecidos leves e cores claras, rendas, drapeados e estampas com motivos florais. A parte frontal dos vestidos era exageradamente ornamentada, com a utilização de laços e rendas. Essa característica da parte frontal, as anáguas e, sobretudo, o espartilho faziam com que as mulheres ficassem com a silhueta em S, quando vistas de perfil: quadris largos e busto avantajado pelo exagero de detalhes no tecido nessa área do corpo.



Você sabia?

A chamada ***Belle Époque*** é um período da história (aproximadamente entre 1871 e 1914) que trouxe importantes mudanças, especialmente para as artes.

Foi uma época do culto ao que era belo, propiciado por um grande número de invenções, como o cinema, o telefone, o telégrafo, movimentando o mundo das artes e das comunicações.

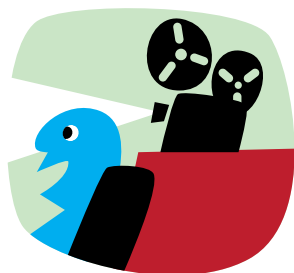
Estilo Eduardiano ou *Belle Époque*



Henri Gervex. *Senhora Valtresse de la Bigne*, 1889. Óleo sobre tela, 200 cm x 122 cm. Museu d'Orsay, Paris, França.



Modelo desfila vestido da grife Dior, 2010.



E o vento levou (*Gone with the wind*, direção de Victor Fleming, George Cukor e Sam Wood, 1939) conta a saga de uma família durante a Guerra de Secessão nos Estados Unidos da América. Nele, Scarlett O'Hara é filha de fazendeiros que perdem sua propriedade e toda a riqueza durante a guerra. O figurino do filme ilustra bem como o espartilho era peça essencial para a moda de meados do século XIX (19).

Por baixo dos ornamentos exteriores que completavam sua *toilette*, a mulher da moda, no início da década de 1900, era encerrada em várias camadas de roupa de baixo. Vestir-se e despir-se eram tarefas laboriosas, que levavam tempo e exigiam a assistência de uma criada de quarto. Primeiro vinham a *chemise* e os calções ou combinações de algodão branco, elaborados com bordados brancos vazados, adornados com renda e finos cordões de fita. Em seguida, vinha o espartilho, o componente crítico na definição da forma, que ditava a postura e as linhas das roupas exteriores. As mulheres queixavam-se do desconforto dos espartilhos, e os reformadores da moda, entre eles médicos, deploravam o prejuízo físico que estas peças de vestuário infligiam aos ossos e órgãos internos.

MENDES, Valerie; HAYE, Amy de la. *A moda do século XX*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 2.

A moda no século XIX (19)

Vimos que os profissionais da moda – alfaiates, costureiros, modelistas, chapeleiros – já existiam havia algum tempo. Foram eles que criaram, modelaram, cortaram, costuraram, adornaram com bordados, fitas, rendas, laços, babados, flores artificiais e pedras preciosas as vestimentas. Pouco se divulgou, no entanto, sobre os profissionais que trabalharam com bordado.

Um dos primeiros nomes conhecidos nesse ramo é o do inglês, mas com ateliê na França, Charles Frederick Worth (1825-1895), considerado o primeiro costureiro da história a assinar seus modelos.



Retrato de Charles Frederick Worth, 1895.

Além de ser o mais famoso costureiro do século XIX (19), Worth foi também o primeiro a realizar desfiles de moda. Esse profissional criou a chamada **alta-costura** e estabeleceu um método diferenciado de trabalho, que contava com um “costureiro-chefe”, que mais tarde foi caracterizado como “estilista” e uma equipe formada por assistentes, modelistas, costureiras, bordadeiras etc.

Por volta de 1860, Worth passou a vestir a realeza europeia. Uma de suas clientes mais famosas foi a imperatriz Eugênia de Montijo, casada com o imperador francês Napoleão III (terceiro).



© Corbis, Latinstock

Vestido de Worth representado por Franz Winterhalter em *A Imperatriz Eugênia*, 1854. Óleo sobre tela, 92,7 cm x 73,7 cm. Museu Metropolitano de Arte, Nova Iorque, Estados Unidos da América.

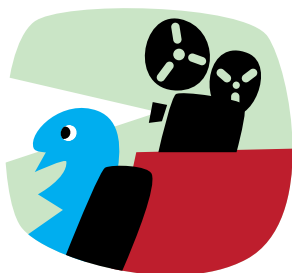


© The Metropolitan Museum of Art, Foto: Art Resource, NY

Vestidos da Casa Worth (à esquerda, de 1887, à direita, de 1892) expostos no Museu Metropolitano de Arte, Nova Iorque, Estados Unidos da América.



Alta-costura: Confecção de roupa de maneira artesanal, feita de forma única, com caimento perfeito e produzida de acordo com as medidas do cliente e com as Normas da Câmara Sindical da Alta-Costura, o que eleva o preço final. Na alta-costura, tudo é minuciosamente perfeito: da modelagem ao acabamento, passando por corte, montagem e costura.



Prêt-à-porter (direção de Robert Altman, 1994). A história retrata a Semana da Moda em Paris e a investigação da morte do presidente da **Câmara Sindical da Alta-Costura**.

A importância de Worth e da concepção de alta-costura para a moda francesa e mundial foi tão significativa que, em 1868, foi criada a *Chambre Syndicale de la Haute Couture* (**Câmara Sindical da Alta-Costura**). Com isso, passaram a ser estabelecidas regras rígidas para determinar o que seria a alta-costura e quais costureiros poderiam fazer parte desse grupo seleto.

Para fazer parte da Câmara Sindical da Alta-Costura, ainda hoje é preciso:

- empregar, em tempo integral, de 15 a 20 funcionários altamente especializados;
- criar uma coleção para cada período do ano (primavera-verão e outono-inverno), com pelo menos 35 modelos originais para o dia e para a noite, e apresentá-la à imprensa duas vezes por ano;
- confeccionar todos os modelos à mão, não sendo aceito nenhum ponto feito à máquina.



Modelo desfila vestido da coleção Dior primavera-verão de 2010.

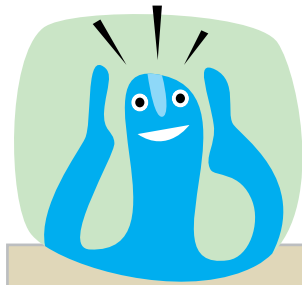
Além disso, a *maison* (como é chamado um ateliê de costura na França; fala-se “mesom”) deve obedecer também a exigências quanto a sua localização: estar entre as avenidas Champs Elysées, Montaigne e Georges V, três das mais importantes de Paris; e ter, pelo menos, cinco andares, um deles com espaço suficiente para realização dos desfiles de roupas.

Atividade 3

ALTA-COSTURA VERSUS PRÊT-À-PORTER

Em direção contrária à da chamada alta-costura, existem as coleções de **prêt-à-porter** (fala-se “prétaportê”), ou seja, roupas “prontas para vestir”, produzidas em maior escala. Na Unidade 2, você verá com mais detalhes esse assunto.

1. Em trio, leiam a matéria publicada em maio de 2005.



Você sabia?

Prêt-à-porter. Termo francês que significa “pronto para usar”. O conceito do **prêt-à-porter** pode ser considerado uma verdadeira revolução na história do vestuário, pois foi por meio dele que se passou a confeccionar roupas em escala industrial, embora sem perder a qualidade, mas reduzindo consideravelmente o custo, quando comparado ao da produção de alta-costura.

Vitrine global da fantasia

A criatividade e o impacto da alta-costura servem para chamar a atenção do mundo e legitimar os preços do mercado do luxo

Flávia Varella, de Paris

Duas vezes por ano, em janeiro e julho, vestidos suntuosos e extravagantes aparecem na televisão, nas revistas, nos jornais de todo o mundo. A sofisticação, a profusão de detalhes e a beleza das roupas arrancam suspiros. Ou gritos de incompreensão diante da fantasia desatinada das peças, que às vezes beira a provocação pura e simples – como a “noiva africana” na foto a seguir, que parece saída da cabeça de um Picasso experimentando substâncias proibidas mas foi apenas mais um dos atrevimentos do estilista Jean-Paul Gaultier. “Para que servem essas roupas?”, bradam os inconformados.



PICASSO PSICODÉLICO
A “noiva africana” de Jean-Paul Gaultier, exemplo da liberdade de arriscar e do virtuosismo dos criadores: “A alta-costura não é feita para vender, mas para encantar e aprimorar a moda”.



A **alta-costura** não assume apenas essas funções. Ela teve papel fundamental na evolução da produção da moda. É importante ressaltar que mesmo o *prêt-à-porter*, que tem características diferenciadas e conta com produção em escala industrial, alimenta-se das pesquisas e do ciclo da exclusividade, qualidade e luxo desenvolvidos pela alta-costura.

Os desfiles de **alta-costura** são o ápice da criatividade, a vitrine global e o momento máximo de autocelebração do mundo da moda. As grandes grifes costumam apresentar entre seis e nove coleções femininas por ano. Mas apenas as duas de alta-costura, mostradas sempre em Paris, têm repercussão planetária garantida. Só nelas a habilidade de fazer uma roupa artesanalmente – o que os franceses chamam de *savoir-faire* – é levada ao extremo e pode ser admirada da ponta do chapéu ao bico do sapato, no corte e no caimento, no acabamento, no bordado, nos laços, nas plumas. As coleções de *prêt-à-porter*, que depois das passarelas são replicadas em escala industrial e distribuídas nas lojas por todo o mundo, podem fazer sucesso, vender bem ou mesmo passar despercebidas, sem grandes consequências. Não as de alta-costura. É por isso que as *maisons* chegam a gastar o equivalente a 3,5 milhões de reais em um

desfile de vinte minutos. É por isso que seus estilistas têm a liberdade de arriscar, de esbanjar virtuosismo e inventividade, de mostrar manequins com máscaras africanas, vestes de faraós egípcios ou em trajes de mendigos. A consultoria americana Right Angle Group calcula que um desfile desses gere uma cobertura nos meios de comunicação que, se paga, sairia por oito vezes mais do que o custo do desfile – isso apenas nas revistas dos Estados Unidos.

A alta-costura serve para duas coisas: chamar a atenção do mundo todo para determinada marca e atrair a seus ateliês um punhado de clientes afortunadas, capazes de encomendar vestidos iguais ou inspirados nos dos desfiles, só que feitos sob medida para elas. A primeira função é de longe a mais importante. A esta altura todo mundo sabe que as grandes marcas de luxo vivem majoritariamente de vender perfumes, cosméticos e acessórios, tudo a preços olímpicos. A alta-costura alimenta a imagem de luxo desses produtos e, como se diz no jargão do mercado, legitima seus preços. “A atividade alta-costura como venda de vestidos caríssimos para bailes que não existem mais é obsoleta, mas como geradora de desejos e promotora do consumo ela é imbatível”, afirma o consultor de moda francês Jean-Jacques Picart. No sábado seguinte ao desfile de alta-costura do inverno passado, apenas a boutique da Christian Dior na Avenida Montaigne, em Paris, recebeu a visita de 5 000 pessoas. A maioria sai com alguma coisa nas mãos – no mínimo um batonzinho.



© Stéphane Cardinale/People Avenue/Corbis/Latinstock

ELEGÂNCIA NA ESTREIA

Vestido da primeira coleção de alta-costura de Giorgio Armani: “Clientes não compravam porque queriam ajustes de tamanho ou de modelo. Agora, pedidos atendidos”.

O termo alta-costura é juridicamente protegido. Só pode dizer que a faz quem atende aos critérios estabelecidos pela Câmara Sindical da Alta-Costura, criada no século XIX. Em 1858, o inglês Charles Frederick Worth abriu um ateliê na Rue de la Paix, em Paris, e convidou clientes como a imperatriz Eugenia, mulher de Napoleão III, para ver seus vestidos em modelos de carne e osso, uma novidade. Com isso, inventou tanto os desfiles de moda como a alta-costura. Anos depois, Worth e seu filho criaram a Câmara Sindical e os requisitos para quem quisesse integrá-la. Hoje, as *maisons* devem ter uma cota básica de funcionários fixos que se dedicam apenas à alta-costura e apresentar duas coleções por ano com no mínimo 25 modelos cada uma. Cada peça é inteiramente feita à mão, a única maneira de garantir que o avesso será tão bonito e bem-acabado quanto o direito, um dogma do ofício. É também exclusiva, ou praticamente. Um mesmo vestido terá no máximo duas clientes, sempre de continentes diferentes.

Em geral, a roupa nasce de um croqui, que será interpretado pela funcionária chamada *première de l'atelier* num protótipo feito de tecido comum. Ao contrário das roupas *prêt-à-porter*, não há moldes de papel para orientar o corte. A roupa é cortada e alinhavada diretamente num manequim de madeira, preparado a partir das medidas precisas da cliente. A primeira prova é feita com o protótipo. Só então o tecido definitivo será cortado e montado pelas costureiras, chamadas de *petites mains*, mãozinhas. Seguem-se mais duas provas até a roupa ser entregue. Nas *maisons*, em geral, existem dois ateliês, o *fou*, onde são feitos os trajes de noite, sobretudo vestidos, e o *tailleur*, para blusas e saias. “São ‘mãos’ diferentes: a costureira de um ateliê não é capaz de fazer bem uma peça do outro, e vice-versa”, explica Catherine Rivière, diretora de alta-costura da Dior. Um *tailleur* demora 45 dias para ficar pronto. “Se a cliente estiver sempre disponível para as provas”, ressalta Catherine, que atende pessoalmente as 200 clientes habituais da Dior alta-costura. Ela e suas assistentes viajam constantemente com vestidos e protótipos de prova na bagagem. “Metade de nossas clientes é do Oriente”, diz.

O número de clientes de alta-costura de todas as grifes reunidas não é muito maior do que as 200 privilegiadas que fazem suas encomendas na Dior. Pouquíssimas são as mulheres que, como a rainha Sirikit, da Tailândia, podem encomendar 25 trajes num ano. E raras são as

oportunidades, como o casamento do rei do Marrocos, com 2 000 convidados, três dias de recepções e trinta vestidos só para a noiva. A alta-costura é deficitária em várias *maisons* porque o preço dos vestidos – de 35 000 a 350 000 reais – muitas vezes não cobre o custo dos materiais e da mão de obra (que inclui o estilista, claro), ambos especializadíssimos e caríssimos. Pascal Morand, economista e diretor do Instituto Francês de Moda, estima que nas poucas empresas em que a alta-costura resiste a atividade represente entre 2% e 3% do faturamento geral. Mesmo o sucesso nessa área não garante a sobrevivência dessa espécie ameaçada. O exemplo mais recente foi o de Christian Lacroix, o mestre da combinação de padronagens e das cores ibericamente fulgurantes. Embora as encomendas de vestidos de alta-costura fossem consideráveis, ele dava prejuízo na área de acessórios e *prêt-à-porter* e acabou vendido pelo grupo LVMH.



EXPLOÇÃO NA DESPEDIDA

O último desfile de Christian Lacroix, mestre das cores exuberantes: no fim da II Guerra, havia 100 casas que faziam alta-costura; hoje, são menos de dez.

Ainda assim, a empresa suportou as contas no vermelho durante anos, aguardando o retorno indireto. “A alta-costura é o que justifica a sofisticação do nosso *prêt-à-porter*”, costuma dizer a presidente da Chanel, Françoise Montenay. François Lesage, cuja oficina de bordado trabalha para os grandes criadores há quase 150 anos, resume: “A alta-costura não é feita para vender; a noção de preço não faz parte do jogo. Ela é um monumento cultural que serve para encantar e aprimorar a moda, só”. Nos dois meses que antecedem os desfiles, os ateliês das *maisons* param com as encomendas para se dedicar às roupas cujo

único objetivo é deslumbrar. Na Dior, o número de costureiras passa das setenta regulares para 100. No último desfile Chanel, um único vestido foi trabalhado durante 450 horas pelas costureiras da casa e consumiu mais 350 para ser bordado no ateliê de *monsieur* Lesage. “A alta-costura é um laboratório onde testamos a viabilidade de novas ideias e técnicas. Com tantas *maisons* deixando a atividade, é uma chance poder continuar mostrando toda a habilidade dos ateliês e realmente deixar a imaginação voar”, disse John Galliano a *Veja*.

No fim da II Guerra Mundial, havia mais de 100 *maisons* que faziam alta-costura. Hoje são menos de dez. Em 2004, houve vinte desfiles em quatro dias. Neste ano, dezesseis em três dias. A cada véspera das semanas de desfile, a imprensa de moda faz reportagens sobre a crise da alta-costura e se pergunta se ela está acabando. Cada desistência é contabilizada como uma pá de cal. E foram muitas recentemente: Yves Saint Laurent, Emanuel Ungaro, Givenchy, Balmain, Donatella Versace, Hanae Mori. Lacroix, com nova direção, muito provavelmente será o próximo. Agora, os pilares do setor são Chanel, Dior e o italiano Valentino, que faz alta-costura há meio século e é um dos poucos para quem os vestidos sob medida representam uma atividade importante mesmo financeiramente. O mais recente membro é Jean-Paul Gaultier, bancado pelo grupo Hermès, que começou a mostrar sua alta-costura em 1997. O desfile de estreia de Giorgio Armani neste ano foi visto como uma lufada de esperança. O estilista italiano, que é dono de sua própria marca, disse que decidiu se lançar na alta-costura porque via vestidos caríssimos e sofisticados não serem vendidos em suas lojas, mesmo havendo clientes que os adoravam. “Elas não compravam porque precisavam de ajustes de tamanho ou queriam uma manga diferente, um colo menos decotado. Agora faremos como for pedido”, explicou Armani. Os 32 modelos mostrados – na maioria “glamourosos vestidos em rabo de peixe, elegantes e perfeitamente usáveis”, dentro da visão prática do estilista – custarão, sob medida, entre 60 000 e 200 000 reais.

Além de chamar atenção e despertar desejos consumistas, os desfiles servem para apresentar o tema em torno do qual uma grife vai desenvolver suas linhas de *prêt-à-porter* e acessórios e até sua estratégia de *marketing* para a estação. Um bordado em canutilhos e miçangas, por exemplo, pode virar uma estampa de blusas *prêt-à-porter*. No ano

passado, Karl Lagerfeld convidou Nicole Kidman para assistir ao desfile. Os fotógrafos, que haviam sido obrigados a comparecer vestidos de preto, provocaram um *tsunami* humano para fotografá-la. Pouco depois, surgiu nas revistas e em *outdoors* a nova publicidade do perfume Chanel nº 5, com Nicole Kidman posando de diva, assediada por *paparazzi* (e caída nos braços de Rodrigo Santoro). E agora, nesta primavera europeia, as vitrines da loja estão decoradas com uma manequim cercada de *flashes*, câmeras e bustos de fotógrafos. Tudo bem pensado e planejado, sem nada da “maluquice” das passarelas.

VARELLA, Flávia. Vitrine global da fantasia. *Veja*. Edição Especial Moda & Estilo, maio 2005. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/especiais/estilo_2005/p_040.html>. Acesso em: 4 dez. 2012.

Nome	Como se fala
<i>Petites mains</i>	Petite mãn
<i>Flou</i>	Flu
<i>Tailleur</i>	Taier

2. Concluída a leitura, respondam às questões a seguir.

a) Quais são as etapas apresentadas no texto para a criação de peças de alta-costura?

b) Na opinião do trio, por que algumas grandes grifes ainda apostam na alta-costura?

c) Escrevam com suas palavras as características da alta-costura e do *prêt-à-porter*.

Alta-costura	<i>Prêt-à-porter</i>
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

O que você aprendeu nesta Unidade? A história da moda o auxiliou a pensar sobre o bordado e a customização?

Refleta sobre o assunto e troque ideias com os colegas da turma.



Soli. *Bordadeira*, 2011. Tinta acrílica sobre tela, 80 cm x 100 cm. Coleção particular.

A MODA NO SÉCULO XX (20)

Na Unidade 1, você estudou as diferenças entre o que é moda e o que é vestuário. Conheceu também a história e a evolução desses conceitos até o final do século XIX (19). Nesta Unidade será abordada a moda no século XX (20).

Para aprofundarmos o entendimento do que é moda, é necessário saber que ela é:

- um sistema de vestuário composto de várias partes: desenho, modelagem, costura, bordado etc. Embora cada uma dessas partes seja independente, uma depende da outra para que o sistema funcione completamente. Por exemplo: não existe a possibilidade de costurar uma roupa sem que ela esteja cortada;

ou pode ser apenas:

- o modelo da roupa que você escolhe de manhã para vestir.

Podemos também dizer que a moda acompanha pensamentos, sentimentos, desejos e expectativas de determinada época, de certo lugar e de um grupo da sociedade. Isso quer dizer, como você já viu, que a moda se transforma de tempos em tempos em relação ao lugar e às pessoas.

Gabrielle Bonheur Chanel (1883-1971), conhecida como Coco Chanel, grande criadora de moda do século XX (20), definia moda como algo que está presente não apenas nas vestimentas, mas em todas as situações que vivemos e estreitamente ligada aos costumes e aos fatos. Atribui-se à estilista a frase: “A moda muda, o estilo permanece”.

Mas o que é estilo?

Que tal realizar uma atividade semelhante à da Unidade 1, mas agora discutindo o que é estilo?

Atividade 1

O QUE É ESTILO?

1. Na sua opinião, o que é estilo? Escreva, nas linhas a seguir, o que lhe vem à mente quando ouve a palavra “estilo”.

2. Troque o que escreveu com um colega. O que há de semelhante e de diferente entre sua resposta e a dele? Anote o que encontrou em comum entre elas.

3. Em dupla, escrevam um parágrafo completando:

Estilo é...

Estilo

O conjunto de transformações ocorridas em grupos sociais, em diversos lugares e épocas, é revelado pela moda e acaba definindo um estilo.

Vamos recorrer ao dicionário para auxiliar a compreensão da palavra estilo:

1. Modo de se expressar de uma pessoa, falando ou escrevendo (estilo simples, estilo elegante).

2. Modo elegante e correto de escrever: *O autor dessa crônica tem estilo.*

[...]

7. Elegância, requinte, charme: *Essa roupa tem muito estilo.*

8. Conjunto de tendências, formas de comportamento, preferências etc. próprios de um indivíduo ou grupo: *Essa festa não é do nosso estilo.*

9. Maneira pessoal de dançarino, cantor, jornalista, esportista etc. destacado apresentar o seu trabalho: *O estilo de Tom Jobim.*

10. Art.pl. Arq. Mús. Liter. Conjunto de características que identificam e diferenciam uma obra, um artista ou determinada época ou movimento (estilo barroco, estilo machadiano).

11. Conjunto de características que marcam determinada manifestação cultural (estilo *funk*).

[...]

© iDicionário Aulete. <www.aulete.com.br>

Mas, afinal, o que é estilo? Podemos dizer que estilo é o conjunto de características de uma pessoa, um objeto, uma época, uma música, um lugar, um ritmo etc.

Pode haver um estilo único ou vários estilos em uma roupa, por exemplo.

A moda está repleta de exemplos de estilo. Vamos observar agora os estilos de moda ao longo da história do século XX (20).

Início do século XX (20)

As características mais marcantes das roupas das primeiras décadas do século XX (20) sofriam, ainda, muita influência da *Belle Époque* (ou estilo Eduardiano): saias e vestidos longos, tecidos leves, babados, bordados, motivos florais, de preferência em tons pastel, com ênfase em modelos que privilegiassem a “silhueta S”.

Nessa época, houve uma popularização do uso de peles de animais, que passaram a fazer parte de golas, punhos e forros de mantôs e de casacos. Casacos de peles, por exemplo, foram moda e objeto de desejo de muitas pessoas até os anos 1970, altamente criticados na atualidade em razão dos movimentos de proteção aos animais.

Atividade 2

PELES DE ANIMAIS



1. Em grupo de cinco pessoas, façam uma pesquisa na biblioteca ou na internet sobre o uso de peles na moda, observando o roteiro a seguir.

a) Em que período o uso de peles tornou-se moda?

b) Por que, na opinião do grupo, o uso de peles é adotado no Brasil, que tem um clima tropical, caracterizado por elevadas temperaturas?

c) O uso de peles é questionado pela sociedade? Por quê?

O movimento sufragista

No final do século XIX (19), mulheres de alguns países, como Nova Zelândia e Inglaterra, começaram a reivindicar o direito ao voto (ou sufrágio) e, com isso, procuraram garantir maior participação política. Era um passo para a luta pela igualdade. Algumas, em busca de emancipação e direitos políticos, saíram às ruas para exigir esse direito. A toda essa ação deu-se o nome de movimento sufragista.

Como você já observou na Unidade 1, a moda sempre acompanha os acontecimentos da sociedade. Portanto, as sufragistas, nome dado às participantes do movimento, foram pioneiras também na moda do período: substituíram os vestidos delicadíssimos pelo *tailleur* (conjunto de saia e casaquinho, tipo paletó) e roupas mais práticas.

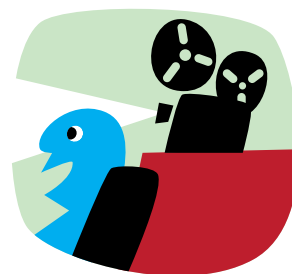
No Brasil, o primeiro município a conceder um título de eleitor a uma mulher foi Mossoró, no Rio Grande do Norte, em 1927.



Manifestação de sufragistas em Londres, Inglaterra. Ilustração publicada em *Le Petit Journal*, Paris, 1908.

Anos 1920

A década de 1920 foi repleta de acontecimentos importantes, muitos deles contraditórios. De um lado, a Europa procurava se recuperar da devastação da **1ª Guerra Mundial**, sofrendo com crises de abastecimento de alimentos, inflação e dificuldade de recuperação econômica.



O filme *Anjos rebeldes* (*Iron Jawed Angels*, direção de Katja von Garnier, 2004), que retrata a luta das mulheres pelo direito ao voto, apresenta como elas organizaram as estratégias empregadas (passeata, greve de fome) e, em consequência, a resposta do poder policial.

Denominam-se Guerras Mundiais os grandes conflitos armados que aconteceram em dois momentos:

- A **1ª Guerra Mundial** (1914-1918) contou com a união de países e impérios, como a França e os impérios russo e britânico. Os Estados Unidos da América alimentavam a guerra com armamentos e outros suprimentos, mas participaram efetivamente do conflito apenas em 1917, ao perceber que seus investimentos estavam em risco.
- A **2ª Guerra Mundial** (1939-1945) envolveu Europa, Ásia e África. As ideias de racismo e superioridade marcavam o fascismo e o nazismo, tendo como representantes Adolf Hitler (Alemanha), Benito Mussolini (Itália) e o general Francisco Franco (Espanha). O saldo da guerra foram milhões de mortos e feridos, e cidades devastadas.

De outro, a disseminação do uso da energia elétrica em larga escala por indústrias e residências possibilitou uma série de inovações tecnológicas e a modernização da produção nas fábricas.

Nos Estados Unidos da América, a produção na indústria foi profundamente modificada com as novas formas de organização do trabalho, conhecidas como taylorismo.

Frederick Taylor (1856-1915), engenheiro mecânico, nasceu nos Estados Unidos da América. Seu pensamento sobre a organização do trabalho influenciou a sociedade de maneira geral.

Essa organização do trabalho criada por ele buscava o melhor modo de se produzir em menos tempo. Cada etapa da produção era dividida em pequenas tarefas, todas elas cronometradas.

Também na área da indústria e seguindo os passos de Taylor, Henry Ford (1863-1947) criou a esteira mecânica e reduziu ainda mais o tempo de produção. Ford constatou, no entanto, que não adiantaria produzir mais sem aumentar o consumo, por isso planejou o primeiro carro popular da história: o Ford T. Ainda pensando na sociedade de consumo, aprimorou sua estratégia ao criar o que seria uma das maiores transformações no mundo: a ideia do *american way of life* (estilo de vida americano).



Os avanços tecnológicos na moda iniciaram-se antes dessa fase, a partir da Revolução Industrial, e trouxeram maior produtividade ao setor. No bordado, ocorreu também uma grande transformação com a máquina de bordar inventada pelo alemão Josué Heilmann (1796-1848), em 1834.

Aliado ao consumo desenfreado nos Estados Unidos, nos anos 1920, ocorreu também um forte movimento cultural e estético na época. Na música, por exemplo, ganharam projeção ritmos que, até então, eram símbolos da cultura afro-americana, como o *jazz* e o *blues*. Na dança, o *charleston* trouxe para os salões naturalidade e liberdade. O cinema, o teatro, a exposição de obras de arte e os esportes também ganharam projeção e se popularizaram, passando a fazer parte da vida de um número cada vez maior de pessoas.

A prosperidade dos anos 1920 criou um clima de confiança na economia tanto nos Estados Unidos da América quanto na Europa – nesta, a partir de cerca de 1925, já que nos primeiros anos da década, no pós-guerra, como você viu, os países europeus ainda buscavam recuperar sua economia.

Nos Estados Unidos da América, porém, altos investimentos em ações na bolsa de valores e lucros exorbitantes com a compra e a venda de papéis – ou seja, sem produzir bens ou serviços –, embora aparentando um momento de grande progresso, levaram a consequências desastrosas.

No início de 1929, a economia estadunidense começou a dar sinais de crise, com a redução na produção de aço, na indústria da construção civil e na venda de automóveis. Iniciou-se uma ampla venda de ações, movimento que culminaria na chamada Quinta-Feira Negra. Em 24 de outubro, milhões de ações foram postas à venda, mas, como não havia compradores, elas perderam valor, quebrando a bolsa de ações de Nova Iorque (EUA).

Tal crise se alastrou dos bancos à produção agrícola e industrial. Muitas empresas foram à falência e milhares de trabalhadores, despedidos. A miséria atingiu as cidades e os campos, lançando desespero a vastas camadas da sociedade estadunidense.

Embora tenha tido início nos Estados Unidos da América, a crise se estendeu para vários outros países, atingindo quase toda a Europa entre 1929 e 1933. Esse período ficou conhecido como a Grande Depressão.

A moda nos anos 1920

No mundo da moda, o cinema era a principal influência. Com o surgimento dos filmes sonoros e a construção de salas apropriadas, a chamada “sétima arte” se popularizou.

Outra característica marcante que influenciou a moda foi a emancipação feminina. A liberação do uso de espartilhos pôs fim ao sacrifício imposto pelos trajes, e a mulher começou a se vestir de forma mais confortável.

O padrão de beleza feminino também se transformou: seios e quadris pequenos eram o ideal de beleza, e as roupas não ressaltavam mais as curvas femininas.

Os tecidos empregados eram leves e com movimento, que combinavam com o *charleston*, a dança em voga. O comprimento das saias subiu, encurtado até os joelhos, e as meias cor da pele garantiam o frescor dos trajes.

Chapéu, longos colares de contas e cabelos curtos complementavam o visual da moda usada nos salões.



Dançarinas de charleston.

Anos 1920



Vestido Chanel de tecido dourado e renda bordada com pérolas cabochão, c. 1925.



Criação de Balmain inspirada em vestidos dos anos 1920. Coleção primavera-verão 1998.



Corte enviesado: Corte do tecido em sentido diagonal, sempre tendo como referência a orela, região das bordas dos tecidos. Esse tipo de corte consome o dobro de tecido, mas faz com que a peça tenha maior elasticidade, concedendo à roupa caimento diferenciado.

Duas grandes estilistas marcaram o período: Madeleine Vionnet (1876-1975) e Coco Chanel.

Madeleine Vionnet

Essa estilista inovou com o **corte enviesado**, que garantia aos vestidos melhor caimento. Sua técnica, o **moulage**, consistia em modelar o traje diretamente no corpo das clientes, ou em bonecas de madeira, a fim de conferir e garantir o efeito da roupa. Por essa razão, foi chamada de “purista da moda”, e suas criações são até hoje expostas em museus de arte pelo mundo afora.

Moulage (“moldagem”, em francês; fala-se “mulage”) é a modelagem feita diretamente no manequim. Essa técnica desenvolvida por Madeleine Vionnet permite aperfeiçoar o caimento das peças. Os especialistas em confecção de roupas consideram que o **moulage** torna mais fácil a realização do molde bidimensional ou plano, pois permite perceber antecipadamente os problemas que a construção da peça pode apresentar.



© Condé Nast Archive/Corbis/Latinstock

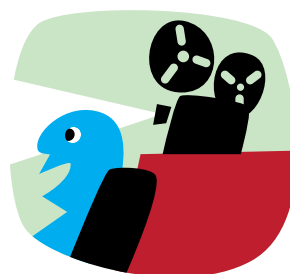
Peça de vestuário feita em *moulage* por Madeleine Vionnet, c. 1931.

Coco Chanel

Essa estilista captou o clima de emancipação feminina presente na sociedade da época, pois seus modelos davam maior liberdade de movimento às mulheres, fornecendo um toque de praticidade às vestimentas.

Entrou para a história ao levar o *jersey* (tecido até então usado nas roupas de baixo) para os salões de festa. O uso do novo tecido foi uma solução diante da escassez de tecidos na guerra.

Sua criação mais conhecida até hoje é, provavelmente, o “**pretinho básico**”: um vestido simples, na cor preta, que pode ser usado em diferentes ocasiões. A ideia original do “pretinho básico” era usá-lo com acessórios, adaptando-o à ocasião.



Em *Bonequinha de luxo* (*Breakfast at Tiffany's*, direção de Blake Edwards, 1961), estrelado por Audrey Hepburn, você pode conferir a mais famosa adaptação do **pretinho básico** de Chanel pelo estilista Hubert de Givenchy.

Chanel foi tão importante no mundo da moda que foram feitos alguns filmes para retratar sua vida. Conheça mais sobre essa grande estilista do início do século XX (20) assistindo a: *Coco antes de Chanel* (*Coco avant Chanel*, direção de Anne Fontaine, 2009); *Coco Chanel & Igor Stravinsky* (direção de Jan Kounen, 2009).



© Douglas Kirkland/Sygma/Corbis/Latinstock



Modelo vestindo *tailleur* Chanel em desfile.



Desfile da grife Chanel por Karl Lagerfeld. Coleção outono-inverno 2011-2012.

De 1930 a 1949

Nessa época, o comprimento dos vestidos voltou a ser alterado: saias até o meio das canelas durante o dia e longas à noite, dando-se especial atenção aos decotes nas costas, nos trajes de festa.

O início da 2ª Guerra Mundial, duas décadas após o final da 1ª Guerra, voltou a colocar o mundo em estado de apreensão e dificuldade econômica. A falta de alimentos e outros produtos atingiu também a indústria têxtil. Como já era de se esperar, esse fato influenciou o surgimento de novos modelos: menos tecidos e aviamentos passaram a ditar a moda do período.

As mulheres foram chamadas para compor o mercado de trabalho e ocupar vagas anteriormente preenchidas por homens. Em razão disso, adotavam roupas mais práticas e cores mais sóbrias e escuras.

Terminada a 2ª Guerra Mundial, a alta-costura voltou a ter espaço. Em 1947, Christian Dior (1905-1957) criou um conjunto de saia e blusa conhecido como *New Look*, marcando novamente a cintura e valorizando as formas do corpo feminino, sobretudo seios e quadris.



© Bettmann/Corbis/Latinstock

Conjunto criado por Christian Dior em linhas New Look.

Anos 1930 a 1949



© ClassicStock/Corbis/Latinstock

Vestido preto com mangas anjo, 1935.



© Condé Nast Archive/Corbis/Latinstock

Vestido de seda e renda adornado por uma corrente. Givenchy coleção outono-inverno 1997.

Até esse momento, as *maisons* prevaleciam no mercado da moda e ampliavam seu domínio desenvolvendo outros produtos, como acessórios e perfumes.

Ao final da guerra, contudo, essas casas especializadas viram seu crescimento desacelerar, vivenciando uma significativa contenção do mercado, pois era impossível competir com a indústria de confecção, que se ampliava.

Christian Dior foi o primeiro a perceber essas mudanças e transformar seu negócio rapidamente. A criação da moda “duas peças” estava estreitamente ligada ao espírito do *prêt-à-porter* (que você viu brevemente na Unidade 1) e da fabricação da época, que visava reduzir os custos de produção. Para a confecção de um vestido, era necessário um profissional mais especializado, enquanto, para a confecção de uma saia, era possível ser menos exigente em termos da qualificação profissional.

No Brasil, em 1938, uma das principais revistas de informação e variedades do País, *O Cruzeiro*, iniciou a publicação de uma seção voltada à moda feminina, apresentando desenhos de pessoas vestidas com o que seriam as tendências da moda. Tratava-se da coluna “Garotas do Alceu”, assinada por Alceu Penna (1915-1980), desenhista, figurinista e ilustrador, que iniciava, assim, uma longa carreira de 28 anos, mostrando com seus traços, à perfeição, não apenas cores, mas até mesmo texturas e tramas dos tecidos, tal a qualidade de sua arte.

Ele também abordava na revista outros temas, como política, esportes, cinema, o que levou a publicação a se tornar referência para as jovens mulheres que se consideravam modernas.

Alceu Penna desenhou figurinos e estampas para desfiles realizados no País e no exterior, trabalhou para a indústria têxtil, inclusive para Carmen Miranda. Confeccionou ainda fantasias para bailes de Carnaval e figurinos para escola de samba e recebeu inúmeros prêmios. Fez cenografia e figurinos para *shows* e teatro, incontáveis ilustrações para capas e artigos de revistas, cartazes e livros (em particular, os infantis).



Fotos © Paulo Szwela

Alceu Penna, Croquis. Coleção Cyro del Nero.



Alceu Penna, Croquis. Coleção Cyro del Nero.

De 1950 a 1959

A moda do início da década de 1950 foi influenciada pelo estilo *New Look*, de Christian Dior. Como você pode observar, a cintura fina e marcada, os seios volumosos e os quadris são os pontos mais valorizados nesse estilo. O comprimento da saia era abaixo dos joelhos, e a largura podia variar: da saia lápis, mais justa ao corpo, aos modelos mais amplos, como o godê.



Saia lápis.



Saia godê, anos 1950.

Anos 1950 a 1959



Casaco de inverno em tweed, inspirado no estilo *New Look*, c. 1951.



Recriação do *New Look*, apresentada pela grife Dior durante a Semana de Moda de Alta-Costura de Paris, 2012.

São também característicos desse período:

- *twin-set* (fala-se “tuín sét”; conjunto de blusa e casaco de mangas curtas, três-quartos ou comprida);
- blusas frente única e tomara que caia;
- calças de diferentes modelos: corsário, capri, cigarrete, faroeste (nosso atual **jeans**);
- camisetas;
- blusões estilo *perfecto*;
- lenços na cabeça e no pescoço.

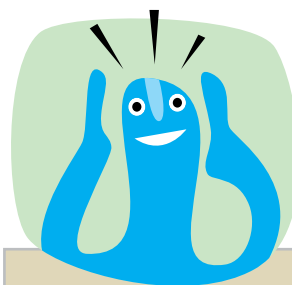
Veja a seguir alguns exemplos desses modelos.



Calça capri clássica.



Calça faroeste.



Você sabia?

O **jeans** está presente hoje em todos os lugares e praticamente em todas as situações, mas não foi sempre assim. Ele surgiu no século XIX (19), quando um jovem imigrante alemão que vendia lona para carroças, ao sentir que as roupas dos mineradores precisavam ser mais resistentes, teve a ideia de usar a lona para confeccionar calças. O tecido foi substituído por sarja de algodão, menos rígida, que, aos poucos, deu lugar a fibras mais flexíveis, com tingimentos diversos.

Anos 1960

Essa década transformou costumes e hábitos, e os reflexos foram sentidos na moda. É comum na atualidade a promoção de festas e bailes temáticos inspirados nos anos 1960. Você, como profissional da moda, precisa ficar atento a esses detalhes.

O mundo vivia a descoberta de novas tecnologias e o homem havia chegado à Lua. As mulheres avançavam na conquista de maior liberdade e igualdade de direitos.

Na moda, essas mudanças foram traduzidas em um vestuário de silhueta cilíndrica e um tanto andrógina.

Na realidade, tratava-se de uma moda que não retratava a feminilidade tradicional, privilegiando, em vez disso, certo teor adolescente.

Foi também nesse período que se consolidou o *prêt-à-porter*, ou seja, as roupas vendidas em lojas com numeração definida. E, pela primeira vez, grifes e confecções começaram a pensar em roupas diferenciadas para os jovens. Muitas referências da moda, nesse período, vinham das ruas. Um bom exemplo foi a minissaia, que provocou uma verdadeira revolução. Embora haja controvérsias a respeito da invenção dessa peça, ela costuma ser atribuída a Mary Quant (1934-), que, se não a criou, sem dúvida foi quem a popularizou.

A partir de 1964, com André Courrèges (1923-), as conquistas espaciais inspiraram as coleções de roupas produzidas pelas confecções. Todas as cores, em especial as fortes e vibrantes, aliadas ao branco, preto e prata, foram utilizadas.

Na segunda metade da década de 1960, a diversidade na maneira de se vestir deu o tom da moda. Surgiram então:

- a moda étnica, trazida pela loja inglesa Biba;
- a moda campestre, da estilista Laura Ashley (1925-1985);
- a moda safári, do estilista Yves Saint Laurent (1936-2008).

Viu-se nesse período uma revitalização de roupas antigas, com a valorização de brechós (lojas de roupas usadas), roupas baratas e versáteis.

No Brasil, os anos 1960, e também a década seguinte, foram uma época de ouro para um dos grandes nomes da costura brasileira: Dener Pamplona de Abreu (1936-1978), um gênio da alta-costura e o primeiro brasileiro a utilizar o próprio nome em sua grife. Detentor de enorme talento para o desenho e a criação de moda, em pouco tempo adquiriu os conhecimentos dos quais necessitaria para, aos 19 anos de idade, abrir seu ateliê de costura: Dener – Alta-Costura.

Dener sempre foi original em seus trabalhos, criando modelos de acordo com as características de suas clientes, como idade e tipo físico, e considerando o fato de o Brasil ser um país tropical. Com ele, iniciou-se um estilo próprio da moda brasileira. Mulheres que costumavam adquirir seus modelos em Paris, ou cópias desenhadas por modistas brasileiros, passaram a comprá-los do ateliê de Dener.

Ganhador de prêmios nacionais e internacionais, tendo concorrido até mesmo com Christian Dior, diz-se que teria sido convidado, e se recusado, a dirigir a Maison Dior após a morte de seu criador.

Anos 1960



Vestido de lantejoulas prateada de Joan Arkim, c. 1966.



Modelo no desfile da grife Versace. Coleção outono-inverno 2012.

O papel da indústria têxtil na moda brasileira

Pouco antes da década de 1960, o empresário Caio de Alcântara Machado (1926-2003) criou, em 1958, a Feira Nacional da Indústria Têxtil (Fenit), que se tornou o mais importante evento da indústria têxtil e do vestuário. Assim a Fenit ficou conhecida internacionalmente e o Brasil começou a viver o grande momento da moda, com sucessivos lançamentos de coleções, tecidos etc.

Além disso, uma das mais importantes indústrias químicas, empresa francesa instalada no País, decidiu realizar uma série de campanhas para promover seu fio sintético. Para isso, reuniu os melhores artistas plásticos brasileiros para a criação de desenhos dos tecidos das coleções, entre eles Aldemir Martins, Volpi e Manabu Mabe. Para o lançamento de suas coleções, promoveu desfiles e *shows* com músicos como Caetano Veloso, Gal Costa e Zimbo Trio. Os *shows* eram apresentados na Fenit como verdadeiras superproduções.

Nesse período, ainda eram feitos editoriais de moda em viagens pelo mundo afora. Entre os estilistas contratados para a realização dos modelos para os desfiles figuravam Dener (que desenvolveu as linhas Café, Seleção Rhodia Têxtil e Brazilian Nature) e também Pierre Cardin (1922-), Paco Rabanne (1934-), Guy Laroche (1921-1989), Ted Lapidus (1929-2008) e Courrèges.

Esses desfiles, sem dúvida, foram da maior importância no desenvolvimento da moda no País, pois formaram profissionais, desenvolveram talentos e apresentaram soluções estéticas que pavimentaram a história da moda no Brasil.

Fontes: POLLINI, Denise. *Breve história da moda*. São Paulo: Claridade, 2007. p.71-2;
PIRES, Roberto: Fenit 40 anos: Deu jacaré na cabeça! *Moda Brasil*. Disponível em:
<<http://www2.uol.com.br/modabrasil/biblioteca/arquivo/fenit/index.htm>>. Acesso em: 4 dez. 2012.

Anos 1970

O movimento cultural, artístico e social que envolveu os anos 1960 continuou a influenciar a moda dos anos 1970. Liberdade, paz e amor, entre outras, eram palavras-chave desde a década anterior. A moda *hippie* foi um espelho dessa tendência e abusou da irreverência, das cores, dos desenhos geométricos e dos motivos psicodélicos nos tecidos.

A imagem vendida do movimento *hippie* é de jovens drogados, afastados dos problemas da sociedade e só pensando em “paz e amor”. No entanto, seu lado mais vigoroso em geral não é ressaltado. Os integrantes desse movimento questionavam os valores da sociedade capitalista, combatiam o racismo e as guerras.



No Brasil, a situação era ainda mais grave, pois o País vivia a ditadura militar, sem liberdade de expressão, com forte repressão policial, presos políticos, torturas e mortes. Sugerimos que você visite o Memorial da Resistência em São Paulo. Se preferir, poderá fazer uma visita virtual. Disponível em: <<http://www.memorialdaresistencia.org.br/>>. Acesso em: 14 nov. 2012. E acompanhe nos jornais os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade, que analisa os documentos e fatos desse período. Disponível em: <<http://www.cnv.gov.br/>>. Acesso em: 14 nov. 2012.

A década de 1970 foi uma das mais diversificadas quando se pensa em estilos de vestuário. A moda unissex – modelos iguais para homens e mulheres – ganhou força no guarda-roupa dos jovens, que vinham se influenciando, cada vez mais, pelo estilo de música das bandas e imitando a maneira de se portar e de se vestir dos artistas preferidos.

As características mais marcantes do período foram a consagração da moda unissex e o *prêt-à-porter*, adaptável ao dia a dia. O estilo prático de vida trouxe força para as roupas mais esportivas. O *jeans* e a camiseta se popularizaram e, com eles, túnica e pantalonas.

As roupas podiam ter estampas variadas, ou mesmo um *mix* de estampas. As saias ganharam todo tipo de comprimento: micro, míni, mídi ou máxi.

Anos 1970



© Condé Nast Archive/Corbis/Latinstock

Peça inspirada em vestes camponesas, 1970.



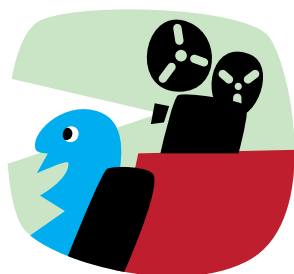
© WWD/Condé Nast/Corbis/Latinstock

Modelo desfila para a grife Emilio Pucci.

Nesse período, destacou-se no País uma das principais estilistas da história da moda brasileira: Zuleika Angel Jones (1921-1976), ou Zuzu Angel. Nos anos 1970, seu filho Stuart foi preso e torturado por agentes da ditadura militar. Ela então iniciou uma incansável busca por presídios e quartéis militares. Seu filho, porém, morreu em consequência da tortura. Na tentativa de resgatar o corpo desaparecido, ela conduziu uma investigação por conta própria, além de apelar inutilmente para imprensa, políticos e o então secretário de Estado dos Estados Unidos da América, Henry Kissinger (Stuart também tinha cidadania naquele país). Entre essas ações, fez toda uma coleção tendo como tema a repressão imposta pelos governos militares no período. Seus desfiles de protesto atraíram a atenção das imprensas brasileira e estadunidense, mas ela jamais conseguiu provar que seu filho havia sido morto sob tortura. Ela faleceu em um suspeito desastre de automóvel.



A estilista brasileira Zuzu Angel em seu ateliê, no Rio de Janeiro (RJ), c. 1960.



Zuzu Angel (direção de Sérgio Rezende, 2006) comenta o trabalho da estilista e também sua luta para denunciar a tortura e morte do filho preso pela ditadura militar.

A preocupação de Zuzu Angel em fazer um trabalho que fosse o retrato do Brasil, contudo, não teve início com o desaparecimento de seu filho. Ela já estava presente desde quando começara a costurar, primeiro em Minas Gerais e na Bahia e, mais tarde, no Rio de Janeiro, onde consolidou a carreira.



Vestido vermelho estampado com andorinhas pretas e bolero com mangas. Zuzu Angel. *As andorinhas revoam*, 1971-1975. Instituto Zuzu Angel, Rio de Janeiro (RJ).

Nos anos 1960, criou modelos com rendas cearenses, cores tropicais e estampas que mostravam características do Brasil (com pássaros e flores), bem como chita e fitas, em vestidos inspirados nos personagens do cangaço e nas saias largas e coloridas das pessoas que viviam nas áreas rurais do País. Sua obra foi imortalizada pela filha, a jornalista Hildegard Angel, com a criação do Instituto Zuzu Angel (**IZA**), no Rio de Janeiro. Mais do que guardar a memória da obra de Zuzu, o IZA tem como objetivo divulgar e valorizar a moda brasileira.



Para saber mais sobre o **IZA**, consulte o *site* do instituto. Disponível em: <<http://www.zuzuangel.com.br>>. Acesso em: 26 out. 2012.

Anos 1980

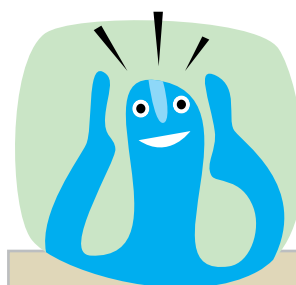
A década de 1980 foi rica em descobertas e fatos marcantes que influenciaram a moda.

Nos Estados Unidos da América, homens e mulheres de classe média competiam de modo acirrado para ocupar cargos importantes nas empresas. Eles compunham um grupo de pessoas denominadas *yuppies*.

A moda para esse grupo eram ternos caros de marcas sofisticadas, de ombros estruturados com enchimentos artificiais, em geral de espuma, chamados de ombreiras. Gravatas e camisas sociais acompanhavam o traje.

Na Europa, estilistas orientais, como Issey Miyake (1938-), Yohji Yamamoto (1943-) e Rei Kawakubo (1942-), influenciaram a moda com outra proposta de estilo: roupas desestruturadas, simplificadas e inspiradas em formas geométricas.

Esportes urbanos, como basquete, futebol, surfe e *skate*, bem como vestimentas usadas por músicos de bandas de *rock*, também influenciaram a moda.



Você sabia?

O termo *yuppie* se originou da sigla inglesa **YUP** (Young Urban Professional; em português, “jovem profissional urbano”).

Anos 1980

© Gerd/ Nast Archive/Corbis/Latinstock



Conjunto de bolero branco com bordados pretos e vestido com rendas. Coleção Oscar de la Renta primavera-verão 1988.

© Lawrence JC Baron/Demosia/Corbis/Latinstock



Camisa vermelha com cinta preta rendada e saia. Coleção Elio Berhanyer outono-inverno 2010.

Atividade 3

CRIAÇÃO DE SEU CADERNO DE ESTILOS

1. Para ampliar seu conhecimento na área, pesquise, em diferentes revistas de moda ou na internet, roupas que possuam alguma referência na história da moda. Recorte ou imprima as imagens para, com elas, criar seu acervo. Seu caderno não precisa nem deve ser como as imagens a seguir, elas apenas pretendem auxiliá-lo na percepção do que seria um caderno de estilos.
2. Desenhe alguns modelos do seu caderno de estilos. Reúna suas produções às da turma e organizem uma exposição coletiva.

Galeria de estilos

Início do século XX (20)



1901 – Beer



1908 – Paquin

Anos 1920



1922 – Patou



1923 – Madeleine Vionnet

Ilustrações: © 2001 by Tom Tierney, © 2001 by Dover Publications, Inc.

Anos 1920

Ilustrações: © 2001 by Tom Tierney, © 2001 by Dover Publications, Inc.



1928 – Gabrielle Coco Chanel

De 1931 a 1940



1931 – Paquin

De 1931 a 1940



1934 – Madeleine Vionnet



1937 – Elsa Schiaparelli

De 1931 a 1940



1940 – Elsa Schiaparelli

De 1941 a 1950



1947 – Christian Dior

Ilustrações: © 2001 by Tom Tierney, © 2001 by Dover Publications, Inc.

De 1951 a 1960



1952 – Jacques Fath



1953 – Hardy Amies

De 1951 a 1960

Ilustrações: © 2001 by Tom Tierney. © 2001 by Dover Publications, Inc.



1958 – Gabrielle Coco Chanel

De 1961 a 1970



1965 – Yves Saint Laurent

De 1971 a 1980



1975 – Laura Ashley



1977 – Kenzo

De 1981 a 1990



1985 – Gianfranco Ferré

De 1991 a 2000



1995 – Thierry Mugler

Ilustrações: © 2001 by Tem Tierney, © 2001 by Dover Publications, Inc.

De 1991 a 2000



1997 – Giorgio Armani



1999 – Ralph Lauren

Atividade 4

PESQUISA SOBRE MODA

1. Em grupo de cinco pessoas, realizem uma pesquisa sobre o mundo da moda no Brasil, seguindo o roteiro:

a) Quais foram os principais nomes da moda e do bordado no Brasil?

b) Qual estilo cada um deles adotou?

Com o que viu até aqui, já deu para você perceber como a moda é cíclica, ou seja, as tendências voltam com o passar do tempo.

Agora vamos reforçar os conhecimentos sobre estilos.

Atividade 5

REFLETINDO SOBRE ESTILOS

1. Reflita sobre as opções que você faz para compor o próprio estilo, respondendo às perguntas a seguir.

	Sim	Não
Você sempre penteia e corta o cabelo da mesma maneira?		
Você sempre faz o mesmo caminho para ir aos lugares que conhece?		
Você sempre usa o mesmo perfume?		
Suas roupas têm uma cor predominante?		
Suas roupas possuem o mesmo formato (por exemplo, a maior parte é folgada ou justa)?		

Essas perguntas servem como um primeiro contato com seu estilo.

2. Para aprofundar seus conhecimentos sobre estilos, responda ao questionário a seguir, desenvolvido pelo *Jornal Hoje*.

Teste de estilo pessoal predominante

Assinale uma resposta para cada pergunta:

1. O seu estilo pessoal predominante se revela nas escolhas de combinações de cores. Pensando no seu dia a dia, quais são as suas combinações de cores favoritas?

a) Combinações simples; não gosto de perder tempo pensando em combinações.	
b) Combinações bem certinhas; gosto de combinar tudo ao máximo.	
c) Combinações de tons diferentes de uma mesma cor; gosto de escolher uma cor e variar as diferentes tonalidades dela em roupas e sapatos.	
d) Combinações delicadas em cores suaves, pois não gosto de grandes contrastes.	
e) Combino só o que valoriza o meu corpo, pois gosto de ver meu corpo bonito.	
f) Não tenho preferência de combinações, cada dia combino de um jeito conforme o meu estado de espírito.	
g) Faço as combinações da moda, gosto de seguir as tendências.	
h) Faço combinações que chamem a atenção, pois gosto de grandes contrastes.	

2. O seu estilo pessoal predominante também se revela na hora da compra! Como você gosta de fazer as suas compras?

a) Compro quando preciso, não gosto de perder tempo, gosto de facilidades.	
b) Faço compras planejadas, gosto de qualidade e espero até encontrar o perfeito.	
c) Compro pensando em atualizar o que já tenho, gosto de qualidade e atualidade.	
d) Adoro ir às compras, compro por prazer e adoro tudo que tenha muitos detalhes.	
e) Adoro comprar peças que valorizam o meu corpo independentemente da moda.	
f) Adoro lugares alternativos, brechós, feiras de artesanato, pois adoro o incomum.	
g) Compro o que está nas vitrines, nas novelas, nas revistas, adoro lançamentos.	
h) Compro só o que me chama a atenção, independentemente da moda, gosto do efeito.	

3. O seu estilo pessoal predominante se revela nas características do tecido das suas roupas. Você escolhe certos tecidos principalmente porque eles...

a) são fáceis de cuidar.	
b) são de excelente qualidade.	
c) são sofisticados.	
d) são delicados.	
e) são perfeitos no corpo.	
f) são interessantes.	
g) são atuais.	
h) causam um efeito poderoso.	

4. O seu estilo pessoal predominante se revela na roupa que você mais gosta de usar no dia a dia. Como é a sua roupa preferida?

a) Prática.	
b) Atemporal.	
c) Clássica renovada.	
d) Repleta de detalhes delicados.	
e) Se ajusta perfeitamente no meu corpo.	
f) Diferente.	
g) O último lançamento da estação.	
h) Impactante.	

5. O seu estilo pessoal predominante também se revela nos seus acessórios (bolsas, pastas, carteiras, cintos, colares, brincos, pulseiras, anéis, óculos de sol, óculos de grau, gravata, lenços, echarpes). Então, se você tivesse que mencionar uma característica para os seus acessórios, você diria que eles são em sua maioria...

a) simples.	
b) clássicos.	
c) notáveis.	
d) delicados.	
e) insinuantes.	
f) diferentes.	
g) atuais.	
h) impactantes.	

6. O seu estilo pessoal predominante se revela também nos calçados que você mais gosta de vestir. Como são seus sapatos preferidos?

a) São essencialmente confortáveis.	
b) São essencialmente duráveis.	
c) São essencialmente sofisticados.	
d) São essencialmente mimosos.	
e) São essencialmente perfeitos para o meu corpo lindo.	
f) São essencialmente diferentes.	
g) São essencialmente lançamentos.	
h) São essencialmente divertidos.	

7. O seu estilo pessoal predominante também se revela na forma como você cuida do nosso Planeta. Então pergunto: como você cuida do nosso Planeta através das atitudes com o seu guarda-roupa?

a) Costumo ter pouca roupa e uso muito tudo o que tenho, ajudo o Planeta assim.	
b) Dou atenção à qualidade e à durabilidade das peças, ajudo o Planeta assim.	
c) Gosto de atualizar, então, quando compro algo novo, faço doações de boas peças.	
d) Gosto de detalhes, assim, reciclo usando as mesmas peças de forma diferente.	
e) Procuo manter o meu corpo equilibrado para vestir bem tudo o que tenho.	
f) Compro em feirinhas, brechós, invento formas de disfarçar o velho ou o manchado costurando minhas roupas ou fazendo pequenas reformas, atualizando tudo.	
g) Preciso estar com a última tendência, então faço muitas doações ao longo do ano porque compro sempre muito.	
h) Cuido de tudo o que tenho porque é raro encontrar as peças exóticas que possuo.	

Respostas:

Verifique qual a letra que você mais marcou - ela corresponde ao seu estilo pessoal predominante (válido para homens e mulheres):

- Letra A – Estilo esportivo
- Letra B – Estilo tradicional
- Letra C – Estilo elegante contemporâneo
- Letra D – Estilo feminino romântico
- Letra E – Estilo sexy
- Letra F – Estilo criativo
- Letra G – Estilo moderno
- Letra H – Estilo dramático

Conheça um pouco sobre o seu estilo predominante:

Estilo esportivo. A mensagem básica do estilo: casual. A palavra-chave: conforto. Peça essencial: uma boa camiseta, mas também pode ser um bom *jeans*. Tecidos: algodão, linho, *nylon*, veludo, fibras naturais, tecidos sem brilho. Cores: cores primárias e combinações simples. Sapatos: sempre confortáveis, de saltos baixos, saltos grossos, solado de borracha, linha *comfort*. Bolsas e pastas: mochilas, alças cruzadas no corpo, sacos, bolsas grandes [em] que cabe tudo, a ideia é sempre de praticidade. Acessórios: são simples, nada ostensivos.

Estilo tradicional. A mensagem do estilo tradicional é: conservadorismo. A palavra-chave é: atemporalidade. Peça essencial: *blazer* clássico. Tecidos: sedas, caxemira, crepes, gabardines. Cores: combinações sóbrias – marinho, cinza, bege e preto. Sapatos: tradicional, de couro, de excelente qualidade. Bolsas e pastas: estruturadas, de mão. Acessórios: sempre de excelente qualidade; a ideia é tudo para durar muito tempo.

Estilo elegante. A mensagem é: refinamento. Palavra-chave: sofisticação. Peça essencial: camisa branca. Tecidos: algodão natural, cetim, xantungue de seda, seda pura, microfibra, crepe. Cores: combinações de baixo contraste – cinza, bege, branco, marinho, vermelho-escuro, preto com branco. Sapatos: tradicionais com um toque de atualidade, bicolor. Bolsas e pastas: estruturada, funcional, de qualidade, tamanho médio. Acessórios: sempre com um toque notável.

Estilo sexy. A mensagem é: valorizar o corpo. Palavra-chave: insinuar. Peça essencial: jaqueta de couro e salto alto. Tecidos: tudo que valorize o corpo e que o deixe em evidência – lycra, brilho, materiais em couro e vernizes. Cores: preto, branco, *pink*, turquesa, dourado, prateado, bronze, verde, vermelho forte, marrom. Sapatos: tudo que deixe o corpo bonito, saltos altíssimos e pontas. Bolsas e pastas: tudo que se molde bem ao corpo, molengas, nada estruturadas. Acessórios: sempre com um toque de exagero e que valorize o corpo.

Estilo feminino romântico. A mensagem é: amabilidade. Palavra-chave: delicadeza. Peça essencial: colar de pérola. Tecidos: algodão, sedas, crepe-georgete, microfibra. Cores: combinações de baixo contraste, monocromática, tons de rosa, beges, azul-clarinho, verde-clarinho. Sapatos: tudo com muitos detalhes e variados modelos. Bolsas: de tecidos, bordadas, de alças longas e de tamanho pequeno. Acessórios: tudo muito tipicamente feminino – laços e flores.

Estilo dramático. A mensagem: chamar a atenção sem o apelo sexual. Palavra-chave: teatralidade. Peça essencial: qualquer coisa que cause um efeito. Tecidos: não há nenhuma preferência, usa tudo. Cores: grandes contrastes para chamar atenção. Sapatos: criativos e ousados. Bolsas e pastas: enormes – com ou sem detalhes, molengas ou estruturadas. Acessórios: tudo impactante, diferente, que tenha algo de inusitado.

Estilo criativo. A mensagem: usa o que sente vontade conforme o humor do dia. Palavra-chave: originalidade. Peça essencial: depende do dia, ora! Tecidos: varia conforme o desejo e que ofereça a mistura inusitada. Cores: não se prende a nenhuma cor, gosta da liberdade, mistura tudo! Sapatos: temáticos, étnicos. Bolsas e pastas: vale tudo! Acessórios: têm sempre um toque exótico, podem ser étnicos e *vintages* [com referências de épocas antigas].

Estilo moderno. A mensagem: *fashionista*, mudança constante. Palavra-chave: atualidade. Peça essencial: tudo o que está na vitrine e nas revistas de moda. Tecidos: a tendência do momento. Cores: tudo o que a moda pedir no momento. Sapatos, bolsas, pastas e acessórios: absolutamente tudo o que a moda e a tendência pedirem para o momento!

Descubra seu estilo pessoal. *Jornal Hoje*. Disponível em:
<<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2010/05/descubra-seu-estilo-pessoal.html>>. Acesso em: 30 abr. 2012.



Segundo a **Lei do Microempreendedor Individual**, criada pelo governo federal, os trabalhadores por conta própria podem recolher contribuição ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e ter direito à aposentadoria e à previdência social. Saiba mais sobre essa condição acessando o Portal do Empreendedor.

Disponível em: <<http://www.portaldoempreendedor.gov.br/mei-microempreendedor-individual>>.

Acesso em: 4 dez. 2012.

MERCADO DE TRABALHO

O mercado de trabalho para os profissionais da moda abrange várias áreas: indústrias de confecção; comércio, que, além da venda de roupas, oferece serviços de reparos, modelistas ou, ainda, modificação de roupas com novos adereços, bordados etc.; o trabalho por conta própria; ou a opção por ser um Microempreendedor Individual (MEI) e se beneficiar da **Lei do Microempreendedor Individual**.

Antes de discutirmos especificamente sobre a ocupação que você está aprendendo, é preciso entender o que é mercado de trabalho.

Quando pensamos em um mercado, seja ele de frutas, de flores etc., o que imaginamos? Alguém comercializando um produto e outra pessoa comprando-o.

No mercado de trabalho, a relação é semelhante: você oferece suas qualificações profissionais ao empregador, que compra sua força de trabalho.



Você sabia?

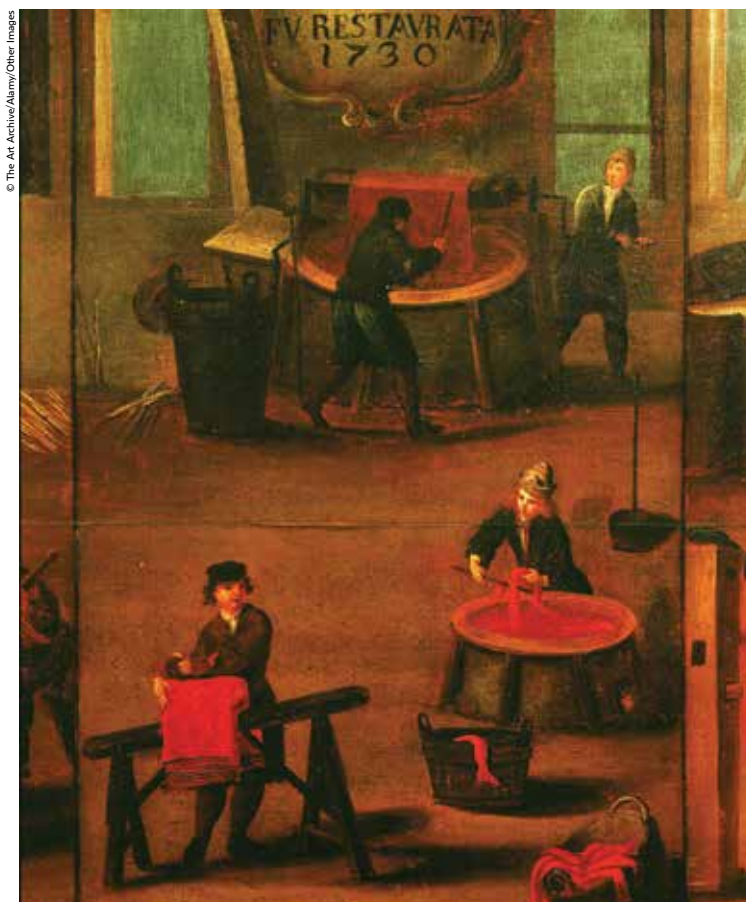
O nome de nosso País é derivado de pau-brasil, árvore cujo pigmento vermelho é utilizado no processo de tingimento de tecidos. O termo Brasil, portanto, está diretamente ligado ao assunto moda.

O mercado da moda

O mercado da moda trabalha com um calendário preciso e ajustado às estações do ano. Isso quer dizer que toda a cadeia produtiva da indústria da moda, ou seja, tudo o que se usa na indústria da moda é fabricado de acordo com as estações do ano: primavera, verão, outono e inverno.

A cadeia produtiva da moda envolve:

- a obtenção, pela indústria química, de pigmentos para fazer as tintas que tingirão fios, fibras, tecidos, plásticos, couros, botões e outros componentes da indústria da moda;



Insígnia da corporação dos tintureiros, 1730 (detalhe). Óleo sobre tela, 79 cm x 102 cm. Museu Correr, Veneza, Itália.



Seção de estamparia e tinturaria em uma fábrica têxtil.

- a produção, ainda pela indústria química, de fios e fibras, para a posterior fabricação de tecidos;

- a fabricação de tecidos, com cores, texturas e caimentos apropriados para cada estação do ano e de acordo com as necessidades da sociedade em determinado momento;



Fabricação de tecido.

- a fabricação de aviamentos (elásticos, botões, linhas, rendas, bordados, pedrarias, fitas, fivelas etc.);



Máquina de tecelagem e urdideira.

- o processo de criação das roupas;



Croquis com amostra de tecidos feitos por Karl Lagerfeld.

- o processo de divulgação e comercialização das roupas.

© Paulo Savala



Showroom de uma confecção.

Todas as etapas, as indústrias e todos os profissionais envolvidos na cadeia produtiva de moda estão em constante atualização, promovida pela pesquisa e busca constante por produtos inovadores, que ofereçam um diferencial no mercado.

Como entender a indústria de vestuário no Brasil

O Brasil é um país com amplo e diversificado território e conta com forte cadeia têxtil. Segundo a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), o faturamento da cadeia têxtil e de confecção saltou de 60,5 bilhões de dólares em 2010 para 67 bilhões de dólares em 2012. As exportações cresceram e as importações diminuíram.

Com esses números, o investimento na área também foi ampliado, gerando mais postos de trabalho. Pode-se afirmar que o setor de vestuário da indústria de confecção é um setor da economia predominantemente feminino, pois mais de sete em cada dez trabalhadores desse ramo são mulheres (75%), do total de 1,7 milhão de empregos diretos em cerca de 30 mil empresas, além dos 8 milhões de empregos indiretos, ou seja, que trabalham para o setor. É importante perceber que esses números não contabilizam os que trabalham por conta própria ou são microempreendedores individuais.

Podemos entender como cadeia têxtil todos os profissionais e as indústrias que, de alguma maneira, estão envolvidos na fabricação, no beneficiamento e na venda de fios, linhas, tecidos e roupas.

O Brasil ocupa o 21º lugar no mundo entre os exportadores de produtos têxteis, e os principais produtos são fios, tecidos e roupas de algodão, como camisetas e tecidos felpudos. O País é ainda o quinto maior produtor têxtil do mundo e o quarto maior parque produtivo de confecção, sendo o terceiro maior produtor de malhas e o segundo na produção de *jeans* – nessa área, o Brasil desponta em pesquisas avançadas de novos tipos e composições desse tecido.

No segmento da indústria de confecção, existe uma grande quantidade de empresas concentradas no Estado de São Paulo, seguido por Rio de Janeiro, Minas Gerais e Santa Catarina.

Em São Paulo e no Rio de Janeiro encontram-se as indústrias de malharia e fábricas de *lingerie*. A cidade de São Paulo conquistou, em 2012, a sétima posição na lista mundial de capitais da moda elaborada pela Global Language Monitor (GLM). Na região Nordeste, estão instaladas as indústrias produtoras de *jeans* e de malhas; e, na região Sul, encontra-se um dos maiores polos de artigos de cama, mesa, banho e malharia do continente sul-americano.

Hoje, a indústria de moda e de confecção no Brasil é:

- idealizada para ser um grande negócio, reconhecido internacionalmente e gerador de emprego e de renda;
- considerada pelo Ministério da Cultura como expressão da diversidade cultural;
- detentora de grande potencial econômico.

O crescimento da indústria de moda e do vestuário pode ser observado, por exemplo, pelo **São Paulo Fashion Week**, na cidade de São Paulo.

Referências: Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confeção (Abit). Disponível em: <http://www.abit.org.br/site/navegacao.asp?id_menu=1&id_sub=4&idioma=PT>. Global Language Monitor. Disponível em: <<http://www.languagemonitor.com/category/fashion/fashion-capitals/>>. Acessos em: 19 nov. 2012.

São Paulo Fashion Week é uma semana destinada à divulgação de tendências de moda, comportamento, cabelo, maquiagem, cores e formas, e dos trabalhos dos estilistas que serão comercializados e divulgados na estação seguinte. Esse é o maior evento de moda no Brasil e movimentada, a cada temporada (que ocorre duas vezes ao ano), um número cada vez maior de investimentos, gerando, a cada edição, mais de 5 mil empregos diretos e indiretos.

Quem consome moda no Brasil

Quem mais consome produtos de moda são as mulheres, correspondendo a 41% de toda a produção; os homens consomem cerca de 35%. A moda infantil fica com 18%, e a de bebês, com cerca de 5% de consumo de produtos de moda.

Como percebemos pelos dados, a diferença entre os universos masculino e feminino não é tão grande como já foi. Os homens atualmente estão muito mais atentos e acompanham a moda bem mais do que antes. A concepção de que moda é algo destinado às mulheres foi construída a partir do final do século XVIII (18) e início do século XIX (19), com a Revolução Industrial.

Processo de construção das roupas

Para entendermos melhor o processo de construção das roupas, é importante saber que, em moda, o processo criativo para desenvolver uma única peça ou uma coleção inteira é muito semelhante. Geralmente, os profissionais da área – estilistas, desenhistas, figurinistas, criadores de moda, estilo e roupas – atendem ao seguinte processo de construção:

1. **Coleta de informação:** busca de informações em revistas especializadas, livros, *sites* etc.
2. **Escolha e definição do tema da coleção:** baseia-se na literatura consultada. Desenvolver uma coleção pressupõe a criação de vários produtos para determinada estação do ano. Por exemplo: coleção de alto verão: definição de vestidos, saias, camisetas, camisas, blusas e acessórios. Definição das cores, dos padrões de tecidos, das estampas etc.
3. **Pesquisa:** essa pesquisa pode acontecer de duas formas diferentes:
 - pesquisa bibliográfica (livros, revistas, jornais, internet, CD-ROM, catálogos etc.);



A **definição do tema da coleção** é sempre baseada na análise de dados de coleções anteriores e a equipe procura respostas para as seguintes questões: Como foi o comportamento das vendas? Houve alteração nas características da clientela? O que vendeu mais na coleção de verão do ano anterior? O que vendeu menos?

- pesquisa de campo (ruas, desfiles, *shopping centers*, viagens, lojas etc.).
4. **Reunião dos dados pesquisados:** o estilista, ou sua equipe, faz pesquisas a cada coleção, para enriquecer seu repertório visual e reunir informações importantes. Depois que essas informações “interagem” com as demais registradas na memória, elas se transformarão em fonte de inspiração, levando-o a criar formas, aplicação de cores, tecidos, aviamentos e detalhes inovadores. Nesse ponto, o estilista, em seu processo criativo, vai incorporar todas as informações que selecionou, de acordo com seu interesse, e transformá-las em novas concepções.
 5. **Painel de apresentação:** nessa fase, o estilista, ou sua equipe, organiza visualmente as informações, para poder aplicá-las na criação das roupas. Para isso, o painel deve conter:
 - quadro de inspiração: imagens que serão referência para a criação e o desenvolvimento dos modelos, que podem incluir outras fontes de inspiração, como lugares, sensações, sentimentos etc.;
 - quadro de tendência de moda: imagens das tendências primavera-verão ou outono-inverno;
 - modelos, desenhos e cores que farão parte da coleção;
 - tecidos e aviamentos que serão usados para a confecção dos modelos.
 6. **Parâmetros do traje ou da coleção:** o estilista deve escolher, de acordo com seus interesses, ou de acordo com os da grife e/ou da confecção, qual o objetivo das roupas:
 - fim artístico: a criação dá vida à roupa como objeto de arte (senso de evento);
 - fim comercial: a criação tem a função principal de vestir (senso funcional).
 7. **Objetivo do traje ou da coleção:** desenvolver uma identidade própria. Uma vez escolhidos os parâmetros da roupa ou da coleção, o estilista começa a relacionar as informações obtidas com a pesquisa de moda à finalidade da coleção (se artística ou comercial). Nessa fase, ele descarta ou adapta as informações que não se enquadrarem no objetivo da roupa ou da coleção.
 8. **Criação do modelo:** o estilista começa a desenhar as roupas, escolhendo decotes, formas, detalhes, tipos de bolso. Determina comprimentos, cores, tecidos, aviamentos, estampas, quantidade de modelos, tamanhos etc. É nessa fase que se criam, com os modelos, a ficha técnica do produto, a ficha de custos e a folha de operações,

Modelagem em 3D

Atualmente existem programas de computador que permitem a modelagem em três dimensões, ou 3D, que podem gerar modelos nos quais se desenha sobre um manequim virtual, permitindo movê-lo em qualquer direção, girá-lo, incliná-lo e modificá-lo livremente. Há também sensores que permitem esquadrihar todo o corpo do cliente, de modo a preparar um modelo que visa à perfeição, eliminando, portanto, desconfortos de medidas não adequadas por completo e a necessidade de ajustes posteriores, em função de peso, altura e formato do corpo.

Fonte: KLEINA, Nilton. Com modelagem em 3D, empresa cria calças jeans que cabem perfeitamente no corpo. *Tecmundo*, 4 nov. 2011. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/moda/15031-com-modelagem-em-3d-empresa-cria-calças-jeans-que-cabem-perfeitamente-no-corpo.htm>>. Acesso em: 4 dez. 2012.



Prova da **peça-piloto**: nessa fase, a equipe de criação estuda o produto, relacionando-o com o desenho do estilista. Com ele, observa-se o caimento do tecido, o conforto da peça, a aplicação dos detalhes, antes da confecção em larga escala. Comumente, são contratados modelos profissionais (ou utilizados manequins não vivos como padrão), cujas medidas estão de acordo com a tabela de medidas utilizada pela indústria conforme seu público-alvo (a maioria das indústrias utiliza a tabela de medidas industriais e raramente as medidas do corpo como tabela de medidas).

que acompanham o protótipo das peças até a aprovação desse produto na coleção.

9. **Modelagem**: geralmente, na indústria de moda e confecção, o estilista passa as informações necessárias para o desenhista de moda, que, por meio do desenho técnico e do preenchimento de fichas técnicas, informa ao modelista detalhes sobre a roupa, para que esse profissional faça os moldes e a diferenciação (gradação) de tamanhos (P, M, G, GG, EXG; 1, 2, 3, 4 e 5 para camisas; 38, 40, 42 etc. para calças e outros tipos de roupa).
10. **Protótipo ou peça-piloto**: antes de ser executada em larga escala, ou seja, de ser produzida uma quantidade muito grande de peças, o profissional denominado costureiro-piloteiro executa uma peça-piloto. Essa peça será provada, testada e, se necessário, modificada antes do corte para produção em escala. Tal procedimento é importante para evitar erros, desperdício de matéria-prima, de mão de obra e peças encaalhadas com defeitos.
11. **Corte**: após a aprovação da peça-piloto, o cortador recebe os moldes, executa o encaixe e risco, corta o tecido e encaminha as peças cortadas para a costura.
12. **Costura**: os profissionais de costura unem todas as peças que foram cortadas separadamente. Na indústria de confecção, há um profissional especializado em cada parte do traje. Em geral, o especialista não conhece os outros procedimentos de costura da mesma roupa.
13. **Reunião da coleção**: nessa etapa, a equipe de desenvolvimento de produto reúne todas as peças-piloto e analisa o traje individualmente e em relação a toda a coleção. É uma reunião importantíssima, em que todas as peças são provadas por modelos de prova profissionais. Eles ficam horas à disposição dos olhos atentos de estilistas e modelistas. É, praticamente, o último momento para corrigir possíveis falhas, antes da produção em larga escala.

14. **Coleção pronta:** a equipe de desenvolvimento de produto ou de criação separa um ou dois exemplares de cada modelo da coleção para documentação ou arquivo.
15. **Documentação:** é comum serem contratados profissionais das áreas de comunicação visual, *designers*, fotógrafos e artistas plásticos para registrar a coleção, por meio da produção de um *book* (caderno técnico).
16. **Apresentação:** representantes da grife ou da coleção reúnem-se com os profissionais da área de propaganda e *marketing* para escolher formas de divulgação do produto (mais especificamente, da coleção). Pode ser por meio de exposições, filmes, desfiles, catálogos, propagandas em revistas, em novelas, vitrines etc.

Trabalhos manuais

Você já parou para pensar em quantas pessoas da sua família sabem costurar ou bordar, mesmo que seja apenas pregar um botão ou fazer a barra de um vestido? Quantas vezes você já viu a cena de alguém costurando ou bordando?



Edward Charles Barnes. *A aula de costura*, século XIX (19). Óleo sobre tela. Coleção particular.



Jovem costurando em máquina.

Imaginar um mundo em que as pessoas nunca tenham posto as mãos em uma agulha é até difícil, não é? Isso acontece porque a costura é uma das ocupações mais antigas do mundo. Só no Brasil, a indústria tem duzentos anos. Mas fazer com que a roupa esteja pronta não é simples como, muitas vezes, é apresentado em filmes infantis, nos quais ratinhos e fadas preparam os modelos ao som de valsas. O trabalho requer concentração e esforço para viabilizar o produto final.



A costureira, 1899. Litografia colorida. Biblioteca de Artes Decorativas, Paris, França.

Atividade 1

MOMENTO DE REFLEXÃO I

1. Indique as experiências que já teve na área da moda, mesmo que elas tenham sido por passatempo ou para preparar alguma roupa para um familiar, um amigo etc.

2. E na área de bordado e customização: Quais experiências você já teve?

3. Agora, preencha o quadro a seguir listando nele o que indicou na questão 1 e outros exemplos, se for lembrando de mais, detalhando a sua ação em cada um deles.

Minhas experiências na área do bordado e customização	
Experiência	Por exemplo: Bordei uma camiseta.
O que precisei fazer?	
O que foi mais fácil fazer?	
O que foi mais difícil fazer?	

Ao preencher esse quadro, você deve ter percebido que já fez muita coisa nessa área e, talvez, não tenha se dado conta das facilidades ou dificuldades que teve.

Atividade 2

O BORDADOR E CUSTOMIZADOR DE ROUPAS E COMPLEMENTOS DO VESTUÁRIO

1. Em grupo de cinco pessoas, discutam sobre as seguintes questões:

a) O que um bordador e customizador deve saber?

b) O que um bordador e customizador deve saber usar?

c) Quais as características que um bordador e customizador deve ter?



Conto: Tipo de narrativa de ficção em que aparecem um narrador e alguns poucos personagens que vivenciam os acontecimentos narrados. É uma invenção do autor, escrito com a função de entreter o leitor de forma breve e clara, por meio de um único ou de poucos fatos fictícios. O conto se diferencia de outros gêneros narrativos, como uma reportagem ou notícia de jornal, por exemplo, cuja intenção é narrar fatos atuais de acordo com o que se quer transmitir.

Apólogo: Tipo de texto curto, como um conto, mas cujo objetivo é demonstrar, por meio da história, uma lição de vida, um ensinamento. Para isso, pode ou não usar personagens reais. Os personagens podem ser animais (como nas fábulas) ou objetos, sempre com dotes humanos.

2. Após responder às questões, reflita sobre si: O que você faz bem? O que faz mais ou menos ou ainda não teve a oportunidade de aprender? Marque com um “X” na coluna correspondente.

	Sei fazer	Sei fazer mais ou menos	Não sei fazer
Preparar o esboço do desenho.			
Ajustar o tamanho do desenho ao tecido.			
Manejar agulhas.			
Escolher cores para o bordado.			
Desenhar com criatividade.			
Criar adereços.			

3. Escreva com suas palavras o que espera aprender neste curso de qualificação profissional básica.

Atividade 3

MOMENTO DE REFLEXÃO 2

Antes de começar a aprender os conhecimentos específicos de sua nova ocupação, por que não ler um **conto**? Trata-se de um texto do escritor brasileiro Machado de Assis, chamado “Um **apólogo**”.



Um apólogo

Machado de Assis

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

– Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

– Deixe-me, senhora.

– Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

– Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

– Mas você é orgulhosa.

– Decerto que sou.

– Mas por quê?

– É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

– Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu e muito eu?

– Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

– Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...

– Também os batedores vão adiante do imperador.

– Você é imperador?

– Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana – para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

– Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima.

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o *plic-plic-plic-plic* da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E quando compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha para mofar da agulha, perguntou-lhe:

– Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

– Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

– Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

ASSIS, Machado de. “Um apólogo”. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=16978>. Acesso em: 26 out. 2012.

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) nasceu em uma família pobre. Era neto de escravos que conseguiram liberdade, e seu pai era operário. Perdeu a mãe, o pai e a única irmã na infância e, ainda menino, começou a trabalhar vendendo doces.

Com 16 anos, teve seu primeiro poema publicado em uma revista. Logo em seguida, passou a trabalhar como tipógrafo na Imprensa Nacional e pôde se dedicar mais ao ofício de escrever. A partir dos 19 anos, já trabalhando em jornais no Rio de Janeiro, cresceu como escritor, carreira que seguiu depois durante toda a vida.

Considerado o criador da literatura realista brasileira, Machado de Assis escreveu romances e contos que ficaram conhecidos em vários países. Entre suas obras, podemos destacar: *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Dom Casmurro* (1899) e *Memorial de Aires* (1908).

Morreu no Rio de Janeiro em 1908.



© Arquivo Iconographia



© Photo Scala, Florence/V&A Images/Victoria and Albert Museum, London/Glow Images

Joshua Cristall. *Camponesa escocesa bordando em musseline, em Luss, Loch Lomond*, 1846. Aquarela, 55,9 cm x 47,9 cm. Victoria & Albert Museum, Londres.

1. Em sua opinião, esse apólogo escrito por Machado de Assis no século XIX (19) se relaciona à ocupação que você quer aprender? Por quê?

2. Refletindo sobre o texto, você conseguiu chegar a uma conclusão sobre quem é mais importante na costura, a linha ou a agulha?

Difícil saber quem é mais importante, não é? Pois é assim que acontece na indústria da moda e da confecção. Cada elemento, cada componente, cada ferramenta e cada um dos processos na produção de vestuários é extremamente importante, e uma etapa depende muito da outra para a plena criação das roupas.

O mesmo se dá com os profissionais que atuam na área: criadores de modelos, estilistas, costureiros, modelistas, cortadores, bordadores... Cada um deles tem a própria tarefa, mas atua de maneira complementar. Apenas assim as peças de roupa conseguem sair, prontas, das grandes fábricas ou das pequenas oficinas artesanais para vestir os consumidores.

A ocupação de bordador, segundo o Ministério do Trabalho e Emprego



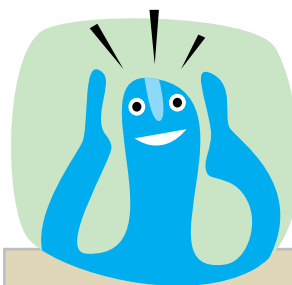
Adrioni Cecioni, *As bordadeiras*, 1866. Óleo sobre tela, 52 cm x 41 cm. Coleção particular.

O Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) elabora um documento chamado **Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)**. Nele, mais de 2 mil ocupações são descritas por meio de uma metodologia própria, em que equipes reúnem os profissionais de determinada área para que eles relatem suas atividades do dia a dia.

Veja o que o Ministério indica sobre a ocupação de bordador, que você está aprendendo.

O que fazem os bordadores?

Criam e riscam o desenho para bordá-los. Prendem e cortam tecidos desenhados. Cerzam peças, bordam-nas e dão acabamento. Comercializam bordados e serviços de reparo em tecidos.



Você sabia?

Você pode consultar a **Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)** na íntegra acessando o **síte no laboratório de informática**.

Disponível em: <<http://www.mte.cbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTitulo.jsf>>. Acesso em 27 out. 2012.

Competências pessoais

- Demonstrar paciência.
- Demonstrar criatividade.
- Demonstrar aptidão.
- Demonstrar persistência.

Atitudes profissionais

- Contar os pontos do gráfico.
- Transferir o esboço do desenho para o local a ser bordado.
- Avaliar material para ser usado em bordados e adornos.

Uma das mais conhecidas e conceituadas estilistas brasileiras, Isabela Capeto, cujas criações têm sido comercializadas não só no País, mas também na Europa, nos Estados Unidos da América, nos Emirados Árabes, no Japão etc., frequentemente utiliza diversos materiais em aplicações, além de rendas e bordados – estes a estilista aplica também, e bastante, em uma linha infantil que desenvolve. Segundo a Associação Brasileira de Estilistas (Abest), na linha Isabela Capeto Infantil, os detalhes tornam suas criações “verdadeiras obras de arte, roupas de criança com charme de boneca [...]”.

Em 2011, a estilista lançou uma linha de bolsas limitada a 200 peças, elaboradas com lona reciclada por presidiárias da organização não governamental (ONG) *Tem Quem Queira*. A estilista atua ainda como *designer* dos mais variados objetos.

Fontes: Associação Brasileira de Estilistas (Abest). Disponível em: <http://www.abest.com.br/abest/associados_home.php?lang=pt>. Isabela Capeto lança bolsas de lona reciclada. *Moda Spot Abril*, 30 maio 2011. Disponível em: <<http://modaspot.abril.com.br/news/news-moda-sustentavel>>. Acessos em: 4 dez. 2012.



Ilustração de mulheres bordando, publicado no *Anuário Penrose* por Marcus Ward.

O mercado de trabalho do bordador e customizador

O mercado de trabalho para bordado e customização é promissor, pois, como você pôde perceber ao conhecer a história da moda, em todos os períodos, bordados e adornos sempre foram valorizados pelos mais diversos estilistas.

Atividade 4

ESTUDO DE MEIO



1. Que tal pensar agora nas diversas formas de inserção do bordador e customizador no mercado de trabalho? Para isso, dividam-se em grupo, e se organizem de modo a diversificar os locais de visita e pessoas escolhidas para serem entrevistadas. Seguem algumas sugestões:
 - Ateliê de costura.
 - Indústria de confecção de roupa feminina.
 - Lojas para noivas. Enxoval de bebês.
 - Bordador e customizador autônomo.
 - Cama, mesa e banho.
2. O que vocês gostariam de perguntar a esse profissional? Em grupo, formulem um roteiro de perguntas antes da entrevista. Seguem algumas sugestões:
 - Nome do entrevistado.
 - Idade, escolaridade, e se ainda estuda ou pretende voltar a estudar.
 - Se costuma fazer cursos de aperfeiçoamento.
 - Onde trabalha.
 - Se tem um ou mais empregos.
 - Por que escolheu essa ocupação.
 - Como a aprendeu.
 - Quais são os pontos positivos e negativos da ocupação, na opinião do entrevistado.
 - Quais são os conselhos que daria a alguém que está iniciando nessa ocupação.



No dia da entrevista, lembrem-se de levar papel e caneta ou lápis para anotar o que for dito. Se possível, registrem a ocasião com fotos.

3. Agora, individualmente, elabore em seu caderno um texto sobre a entrevista. Planeje sua produção escrita antes de redigi-la, para que seja mais fácil realizá-la e também para que faça sentido a quem for ler. Para isso, procure definir em primeiro lugar:
 - Qual é a ideia central do texto que vou fazer?
 - Quais são os argumentos que vou utilizar para sustentar essa ideia?
 - Quais foram as conclusões a que cheguei com base na entrevista?
4. Junte-se novamente a seu grupo e comparem os textos. Depois, preparem uma apresentação única para a turma.

SAÚDE E TRABALHO



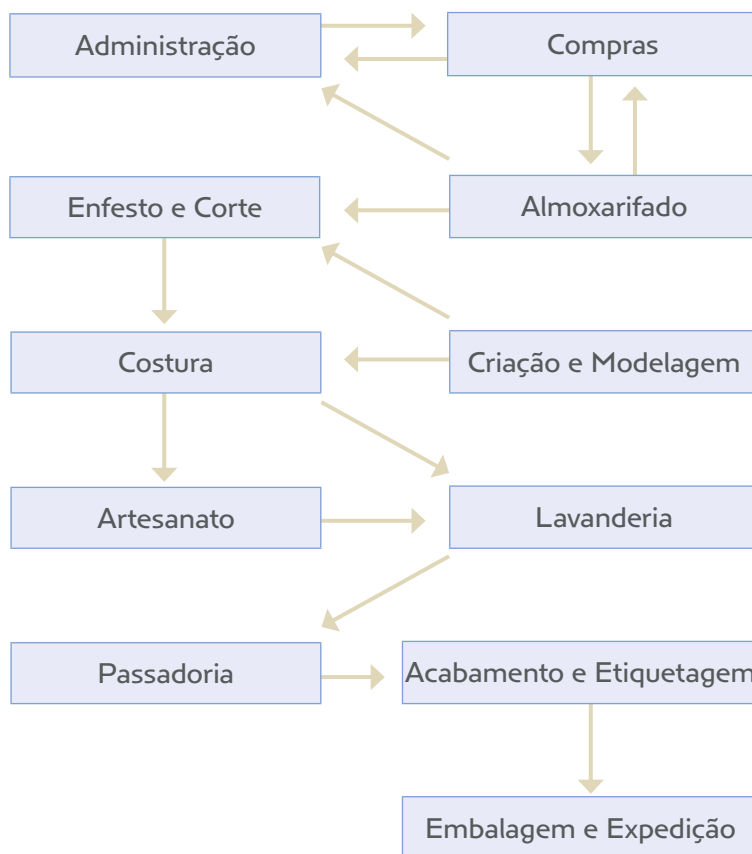
Fluxograma: Diagrama que representa o fluxo de uma série de operações.



Caso ainda não tenha estudado, consulte o Caderno do Trabalhador I – Conteúdos Gerais (disponível em: <<http://www.viarapida.sp.gov.br>>, acesso em: 13 nov. 2012), os temas referentes à saúde e à segurança no trabalho, este é o momento para revê-los ou analisá-los.

A unidade anterior deste Caderno abordou a forma como se dá a produção do vestuário e os vários setores que ela envolve. Nesta Unidade você verá que conhecer o processo de produção, o maquinário e o ritmo de trabalho também é importante para prevenir futuros problemas de saúde.

A figura a seguir é um exemplo de **fluxograma** de como pode ser o processo de produção em uma indústria têxtil:



Fonte: GARCIA JÚNIOR, Antônio Carlos. *Condições de trabalho e saúde dos trabalhadores na indústria do vestuário em Colatina/ES*. Dissertação (Mestrado) Espírito Santo: Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), 2006, p. 58. Disponível em: <<http://sstmpe.fundacentro.gov.br/Anexo/Dissertacao.pdf>>. Acesso em: 4 dez. 2012.

Imagine os profissionais de uma indústria como a apresentada no fluxograma, que devem, em muitas ocasiões, trabalhar em equipe – se o trabalho de um atrasar, toda a cadeia sofrerá com esse atraso. Assim, para que a cadeia de produção seja eficiente, todos os profissionais precisam ser conscientes e dedicados, sem se descuidarem das condições de trabalho favoráveis à sua saúde.

Atividade 1

REFLETINDO SOBRE SUA OCUPAÇÃO



1. Leia o trecho do livro escrito pelo médico italiano Bernardino Ramazzini (1633-1714). Esse especialista já alertava, desde o século XVII (17), que o trabalho envolve raciocínio e corpo, e que é importante ter cautela, pois você pode estar exposto a riscos que venham a afetar sua saúde física e mental.

A mãe natureza nos fornece muitas coisas para proteger nossos corpos do mau tempo, como a lã, o linho, o cânhamo, o algodão, às quais podemos acrescentar ainda a seda, embora esta seja usada mais para cobrir do que propriamente proteger o corpo de homens e mulheres. O processo de tratamento dessas matérias-primas, utilizadas nas vestimentas, geralmente é nocivo àqueles que o executam.

RAMAZZINI, Bernardino. *De morbis artificum diatriba*, 1700. Traduzido do latim pelo abade Chiari da Pisa sob o título *Le malattie degli artefici*. Veneza: in Domenico Occhi, 1745. Tradução do italiano: Rita De Luca.

2. Em grupo de cinco pessoas, imaginem como é o trabalho em uma indústria de confecção e façam uma visita “virtual”, como se estivessem andando e observando cada detalhe. Para auxiliá-los nessa “visita”, revejam as imagens apresentadas na Unidade 3, de alguns setores dessa indústria:
- a) Como é a ventilação, é natural? É um espaço suficientemente arejado para o número de pessoas que trabalham no local?

b) E a iluminação, é natural? É possível ver a rua ou a área externa da empresa? Pelas janelas, dá para ver árvores e plantas?

c) Como é o mobiliário? Os funcionários se sentem confortáveis na cadeira que usam? A mesa ou a máquina tem altura adequada ao seu corpo? É preciso forçar o corpo em alguma direção para executar melhor o trabalho?

3. Façam um balanço da estrutura física do local analisado e preencham o quadro a seguir, indicando as condições adequadas e inadequadas, bem como propostas de alteração (no caso de situações inadequadas).

Condições de trabalho	Quais são?	Podem mudar? Como?
Adequadas		
Inadequadas		

Fonte: Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho: Geografia, História e Trabalho: 8º ano do Ensino Fundamental. São Paulo: SDECT, 2012.

4. Quais foram as conclusões às quais chegaram?

[illegible]

Condições de trabalho

Dependendo da atividade desenvolvida pela empresa, no ambiente de trabalho pode haver forte ruído de máquinas, temperaturas altas, cadeiras desconfortáveis e ventilação insuficiente para o número de pessoas que trabalham no mesmo local. Pode até haver uso ou circulação de produtos químicos como tintas solventes, o que pode ser extremamente prejudicial à saúde, se não forem tomadas medidas de proteção adequadas.

Os Equipamentos de Proteção Individual, os chamados EPI, são oferecidos pelas indústrias quando a atividade a ser desenvolvida apresenta nitidamente algum risco à saúde do trabalhador. Atualmente sabe-se que, além desses riscos mais evidentes, há outros que não são tão valorizados por alguns

Para garantir a integridade dos operários, o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) elaborou normas de segurança que devem ser seguidas pelas empresas (disponível em: <[http://portal.mte.gov.br/data/files/FF80808012CB90335012CCC356A9B1B75/NR-006%20\(atualizada\).pdf](http://portal.mte.gov.br/data/files/FF80808012CB90335012CCC356A9B1B75/NR-006%20(atualizada).pdf)>, acesso em: 4 dez. 2012).

trabalhadores e, muitas vezes, nem mesmo por algumas empresas. São aqueles causados pelo uso de força excessiva, pela postura curvada do corpo durante horas seguidas, pela pressão psicológica para que a produção seja mais rápida etc. Para esses riscos não existem EPI, mas é necessário ficar atento para não se desgastar física ou mentalmente no trabalho.

O quadro a seguir foi adaptado de uma pesquisa que analisou cuidadosamente as etapas de trabalho em uma indústria do vestuário. Ele é um alerta para quem vai trabalhar nesse setor.

Ocupação	Atividade	Risco
Estilista	Criar modelos novos e desenhá-los, conforme tendência da moda e da numeração padronizada. Posto de trabalho: computador e cadeira.	Fisiológicos: • Postura sentada a maior parte do dia. • Fixação da vista na tela de computador. Psíquico: • Pressão para criar sempre produtos novos e de aceitação no mercado.
Modelista	Responsável por confeccionar a peça-piloto da produção em série.	Acidente: • Perfuração de dedos por agulhas. Fisiológicos: • Postura sentada o dia todo. • Fixação da vista no trabalho de confecção.
Moldador ou riscador	Faz a riscagem das peças em papel, dando origem ao molde padronizado pela numeração. Posto de trabalho: mesa de riscagem.	Fisiológicos: • Postura de trabalho em pé, encurvada sobre a mesa de modelagem. • Fixação da vista nas tabelas e moldes.
Cortador	Faz o corte do tecido após o enfiar e a colocação do molde com o uso de equipamento elétrico. Posto de trabalho: máquinas de corte de tecido.	Físicos: • Calor. • Ruído e vibração. Químico: • Poeira de algodão. Acidente: • Corte de dedos e mãos. Fisiológicos: • Postura desconfortável para realização do serviço. • Movimento repetitivo.

Ocupação	Atividade	Risco
Costureiro	Efetuar o serviço de costurar os tecidos e adereços para compor as roupas. Posto de trabalho: máquinas de costura reta, overloque, galoneira, caseadeira e pespontadeira.	Físicos: • Ruído e vibração. • Calor. Químico: • Poeira de tecido. Acidente: • Perfurações com agulhas. Fisiológicos: • Posição fixa sentada por longo tempo. • Movimentos repetitivos e com precisão. • Exigência de posturas, por vezes, desgastantes e inadequadas. • Uso de cadeiras sem controle de altura e de encosto ergonômico. • Jornada de trabalho longa. • Fixação de vista no campo de trabalho por longo período. • Trabalho que exige força no manuseio (trespontadeira).



Você sabia?

Segundo as normas estabelecidas pela Fundacentro, órgão do Ministério do Trabalho e Emprego, as empresas tiveram um prazo para substituir as cadeiras utilizadas por seus funcionários até o fim de 2012.

Fonte: GARCIA JÚNIOR, Antônio Carlos. *Condições de trabalho e saúde dos trabalhadores na indústria do vestuário em Colatina/ ES*. Dissertação (Mestrado) Espírito Santo: Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), 2006, p. 60, 63 e 66. Disponível em: <<http://sstmpe.fundacentro.gov.br/Anexo/Dissertacao.pdf>>. Acesso em: 4 dez. 2012.

Esse quadro é um alerta para você, que vai trabalhar no setor. O uso de EPI é fundamental e obrigatório para evitar acidentes ou futuras lesões no seu corpo.

Agora, preste atenção às imagens a seguir. Elas mostram os riscos aos quais você poderá ficar exposto.

Observe a Figura 1. Repare como a trabalhadora está acomodada no posto de trabalho. Você acha que ela possui espaço e conforto suficientes para o trabalho?

Perceba como o braço direito fica sem apoio para manusear a máquina. Esse é um aspecto que pode causar lesões por esforço repetitivo (LER).

Figura 1



Agora veja a Figura 2. Na sua opinião, ela retrata condições mais ou menos adequada para a realização do trabalho?

Figura 2





Tarsila do Amaral. *Costureiras*, 1950. Óleo sobre tela, 73 cm x 100 cm. Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (SP).

- *História do bordado, do vestuário e da moda*
- *A moda no século XX (20)*
- *Mercado de trabalho*
- *Saúde e trabalho*



GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO

Secretaria de Desenvolvimento
Econômico, Ciência e Tecnologia

www.viarapida.sp.gov.br